Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 21.4.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 612 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

DÍVIDAS

IMÓVEIS PENHORADOS GERAM 3,5 MIL MILHÕES DE EUROS EM OITO ANOS

Credores garantiram a venda de mais de 42 mil bens desde a entrada em operação do portal e-leilões. É menos de metade do total de ativos que foram anunciados na plataforma.

PÁG. 14

PAULO JORGE MAGALHÃES/GLOBAL IMAGENS

INVESTIGAÇÃO

PJ CAPTURA EM TRÊS MESES O DOBRO DOS FUGITIVOS DO ANO PASSADO

PÁGS. 4-5

SONDAGEM

HOMENS DÃO VANTAGEM DE SEIS PONTOS AO PS PARA AS ELEIÇÕES EUROPEIAS

PÁGS. 6-7

CRISE?

Terá a Tesla atingido o pico?

PÁG. 12

PROVA DE VIDA

José cid

PÁGS. 24-26

PORTUGAL HÁ 50 ANOS

ANTÓNIO JANELA

PADRE

PÁG. 3

Notícias magazine

A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS NÃO FOI PARA TODOS A 25 DE ABRIL

HOJE GRÁTIS

Conflito

Retaliação israelita foi brincadeira de crianças para Teerão e aviso para Telavive

PÁG. 16

João Eurico da Fonseca

DIRETOR DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

"As dificuldades no SNS podem fazer-se sentir negativamente nos alunos de Medicina"

PÁGS. 10-11

Tecnologia

"A IA não tem nada a ver com inteligência"

PÁG. 13

Editorial

Bruno Contreiras Mateus
Diretor interino do Diário de Notícias

Abstenção e desinformação: perigosas europeias

Nas últimas europeias, de 25 de maio de 2019, a abstenção (69,25%) atingiu o maior registo desde as primeiras eleições, de 1987, para o Parlamento Europeu. Apesar do resultado histórico negativo, se retirássemos os votos dos emigrantes teria havido uma inversão, com a descida ligeira da abstenção dos eleitores em Portugal. Para esta contagem pesou uma redução de 113 mil inscritos nos cadernos eleitorais nacionais face às europeias anteriores, de 25 de maio de 2014, e um aumento do número de portugueses inscritos no estrangeiro, por força do recenseamento automático, de cerca de 1,2 para 1,4 milhões. A perda de confiança ou a insatisfação política e o desconhecimento das políticas da União Europeia e das instituições foram as grandes causadoras deste cenário, segundo apontava um inquérito divulgado pelo Parlamento Europeu após o sufrágio.

O primeiro indicador de risco em relação às próximas eleições europeias de 9 de junho foi lançado na quarta-feira. A sete semanas da ida às urnas, 57% dos portugueses responderam que desconhecem ainda a data. A boa notícia é que, comparando com o Eurobarómetro de 2019, mais 19% dos portugueses se demonstraram interessados nas eleições europeias (51%). E isso abre a esperança a uma possível descida da abstenção, seguindo a tendência revelada nas últimas legislativas.

Ainda há esperança numa maior participação. Foi justamente por isso que a presidente do Parlamento Europeu, Roberta Metsola, veio a Lisboa, para "encorajar os portugueses, especialmente os jovens, a votar". Aproveitou ainda para exortar a que os portugueses "não cedam ao conforto do cinismo fácil nem se deixem influenciar pelas soluções ocas para questões complexas apresentadas pelos extremos políticos". E, muito importante, no mês em que comemoramos os 50 anos do 25 de Abril, Metsola recordou que Portugal "compreendeu, mais cedo e talvez melhor do que a maioria, que nunca poderemos ser livres enquanto não formos todos livres, que nunca poderemos estar seguros enquanto não estivermos todos seguros". Daí a importância de votar nas próximas eleições europeias.

É também assente nesta esperança de conseguir mobilizar os eleitores que a política nacional está a fervilhar. Há muita tensão à volta de um governo minoritário, em que tudo é suficiente para dar início a um caso.

> **"Irão os partidos, como diz Roberta Metsola, ter interesse em desmontar "soluções ocas para questões complexas"? A desinformação terá de ser a grande derrotada das eleições europeias, só que isso faz-se a montante, não a jusante. É agora.**

De acordo com a sondagem da Aximage para o DN, TSF e JN, que pode ler nesta edição, o PS é, nesta altura, o favorito dos portugueses a vencer as europeias (31,3%), seguindo-se a AD (24,68%) e o Chega (18,4%). No caso da AD, a recente polémica em torno do "choque fiscal", com o governo a ser acusado de "embuste", pode ter feito perder eleitores. E é nisso que a oposição vai apostar, exercendo pressão sobre todas as medidas anunciadas e sobre declarações de Luís Montenegro e do restante Executivo. Neste *top* 3, André Ventura, que em 2019 não foi além de 1,6% com a coligação populista de direita Basta!, poderá voltar a ser, depois das legislativas, grande vencedor, ganhando com o voto dos jovens.

Em 2024 como em 2019, será que os portugueses vão votar na insatisfação política? Ou irão os partidos, como diz Metsola, ter interesse em desmontar "soluções ocas para questões complexas"? A desinformação terá de ser a grande derrotada das europeias, só que isso faz-se a montante, não a jusante. É agora.

OS NÚMEROS DO DIA

545

CRIANÇAS MORTAS
A Procuradoria-Geral da Ucrânia informou ontem que desde o início da invasão russa, em fevereiro de 2022, o número de crianças ucranianas mortas devido ao conflito é de 545, enquanto 1289 ficaram feridas

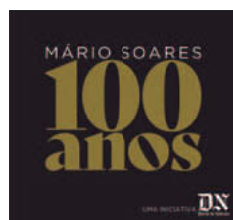
58

PESSOAS
Foi o número de mortos ou desaparecidos desde sexta-feira, quando um barco sobrecarregado naufragou no rio Mpoko, em Bangui, capital da República Centro-Africana (RCA), anunciou ontem o diretor-geral da Proteção Civil. Um balanço anterior falava em pelo menos 19 mortos.

6,24

METROS
O sueco Armand Duplantis estabeleceu ontem um novo recorde do mundo do salto com vara no *meeting* de Xiamen, na China, da Liga Diamante de atletismo.

100

POLE POSITION
O piloto neerlandês Max Verstappen conquistou ontem a *pole position* para o GP China, naquela que marcou a 100.ª da escuderia Red Bull no Mundial de Fórmula 1, que cumpre este domingo a quinta prova da temporada.

21.4.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PORTUGAL HÁ 50 ANOS

O que era a vida quotidiana dos portugueses há meio século, antes do 25 de Abril? O que faziam e como recordam hoje esse tempo em que eram jovens e o país era velho. E como esse mundo era retratado nas páginas do DN da época, visado pela censura.

No DN

O CHEFE DO ESTADO

AS RAZÕES DE UMA ESCOLHA
POR QUE MOTIVO VOTO EM CHABAN-DELMAS

NA MADRUGADA DE ONTEM
DESTRUÍDA PELO FOGO PARTE DA UNIVERSIDADE DO PORTO

DIA DO TURISMO

Diário de Notícias
HOJE PODE LER

ADJUDICADA A CONSTRUÇÃO

PROSPECÇÃO DE PETRÓLEO NO ESTADO DE ANGOLA

SINISTRO No Porto, foi um taxista a dar o alerta para as chamas que começavam a eclodir na Universidade. O fogo alastrou-se e consumiu diversas zonas do edifício. Em Nova Iorque, 25 pessoas barricaram-se dentro da Estátua da Liberdade em protesto contra injustiças sociais.

Grande incêndio na Universidade do Porto

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Há 50 anos muito do património da Universidade do Porto ficou destruído devido a um grande incêndio. "Na madrugada de ontem: destruída pelo fogo parte da Universidade de Porto", titulava o DN. A encimar a notícia, uma fotografia dava conta da dimensão dos estragos: "O Salão Nobre transformado em escombros" era a legenda. "Violento incêndio destruiu durante a madrugada de ontem parte considerável da Universidade do Porto, incluindo a Reitoria, os arquivos e praticamente todos os serviços centrais, o Senado e o Salão Nobre e instalações das Faculdades de Ciências e de Economia", podia ler-se. "Desconhecem-se as causas do sinistro. Os prejuízos são incalculáveis", acrescentava o DN.

Este grande incêndio na Universidade do Porto começou por volta das quatro da manhã e foi um taxista a dar o alarme, ao passar no local e ao aperceber-se das chamas. "Imediatamente parou o carro e foi bater à porta principal, a fim de acordar o empregado que ali se encontrava, Américo Moreira Alves. Depois de o ter feito, o mesmo motorista de táxi, servindo-se do seu rádio, avisou a central, que por sua vez reclamou os bombeiros."

A aflição instalou-se. "Por seu turno, o empregado, desconhecendo a extensão do sinistro, muniu-se de um extintor e correu para o local [as chamas começaram no segundo piso do edifício], mas achou-se impotente perante o fogo. [...] Pelas 5 horas, o sinistro atingiu uma fase de grande violência quando se verificou a derrocada do telhado e do respetivo travejamento. Rolos de fumo e faúlhas subiram pelo ar, espalhando-se em redor do edifício."

Do Ultramar chegavam notícias. Prospeção de petróleo no Estado de Angola: "Concedidos direitos de pesquisa e exploração a mais três sociedades", avançava o DN. Ainda em Angola era adjudicada a construção da Barragem de Gandgelas, no Cunene. "[...] A barragem custará cerca de 40 mil contos e será uma estrutura de betão com 26 metros", anunciava o jornal.

Em Nova Iorque, nos Estados Unidos, havia protestos. "Barricados na Estátua da Liberdade" era o título. "Protestando contra as injustiças sociais, 25 pessoas barricaram-se dentro da Estátua da Liberdade. [...] Os manifestantes prometeram continuar no local o tempo necessário para que 'a sua mensagem seja ouvida'."

Onde eu estava

António Janela nasceu em março de 1941, em Luanda. Atualmente pároco do Coração de Jesus, Lisboa, promoveu no Estado Novo os ares do Concílio Vaticano II.

Luanda, 1953. À sombra de uma árvore que havia perto do ringue de hóquei em patins no Liceu Salvador Correia, liceu mais bonito que conheci, um grupo de alunos aproveitava um 'furo' para discutir o futuro de Angola. Imagine-se o atrevimento – um bando de pré-adolescentes, em que eu me incluía, a pensar aquele país fora dos cânones coloniais. Ainda não marcado por jovens adultos meus vizinhos e escritores como Luandino Vieira, António Cardoso e António Jacinto, autor do poema mais reivindicativo de toda a língua portuguesa – *Monangamba* –, mais tarde desterrados no Tarrafal, virei-me então para um dos presentes, colega de turma e mestiço, e vaticinei: "Ainda hás de ser presidente de Angola." O rapaz a quem me dirigi era Bento Ribeiro, mais tarde ministro e diplomata de Angola, já então muito estimado por nós, filho de um homem igualmente conceituado, funcionário muito competente do Banco de Angola, merecedor de pertencer à gerência a que nunca ascendeu, 'barrado' pela cor da pele.

Lembrar-me-ia deste episódio mais de duas décadas depois, chegada que estava a Revolução dos três D: Democratizar, Descolonizar, Desenvolver.

A docência apareceu muito cedo na minha vida. Após a ordenação (1965), fiquei de imediato numa equipa de padres nomeados professores de Religião e Moral em liceus em Lisboa, coordenada na Capela do Rato pelo saudoso padre Alberto Neto, que acabaria assassinado em 1987. Religião e Moral era uma disciplina que permitia mais liberdade de intervenção, resultado dos ares que chegavam do Concílio Vaticano II. Abertura que ia além dos aspetos religiosos, implicando uma formação mais participativa. O Liceu D. João de Castro era um dos mais abertos da altura. Já aí, no meu tempo de aluno, em meados dos anos 50, se destacava com um ensino marcado por alguns dos meus docentes, como Fernandes Fafe, que em Organização Política e Administrativa da Nação (OPAN) abriu horizontes a não poucos jovens.

Tinha eu dois anos de ordenação e assistente religioso da Ação Católica (JEC) quando se dá um acontecimento que deixaria marcas profundas – as cheias de 1967. A tragédia mudou consciências, mobilizou estudantes universitários e liceais, que pela primeira vez tomaram contacto com a situação terrível dos mais desfavorecidos.

Em abril de 1974 vivia na Baixa de Lisboa, na Casa Paroquial da Igreja de São Nicolau, chegado de Roma, para onde havia sido mandado estudar Ciências Sociais, em 1969, pelo então patriarca Gonçalves Cerejeira. A minha ida para Roma terá tido uma causa. Com Marcello Caetano, o regime prometia uma primavera. A chamada "primavera marcelista". Acreditando que era assim, empenhei-me, enquanto professor de Religião e Moral, na educação democrática dos meus alunos no 3.º ciclo em coisas tão simples quanto promover a eleição do chefe de turma. Já depois de ter participado, na Igreja de São Domingos, na Vigília do 1.º Dia Mundial da Paz (1969), criação do Papa Paulo VI, acabei com um processo disciplinar, e talvez a "gota de água" tenha sido uma carta que escrevi a explicar por que razão entendia não dever estar presente na tomada de posse do comissário da Mocidade Portuguesa, também ele professor no mesmo Liceu D. João de Castro. Impedido de continuar a ser professor, a ida para Roma foi o chamado "pontapé pela escada acima".

No dia 25 de abril acordei com o telefone a tocar. A minha irmã, casada com um oficial da Marinha, pedia-me que não saísse de casa. Estranhando o movimento na Baixa de Lisboa, logo telefonei ao padre Alberto Neto para saber o que estava a passar-se. Liguei a telefonia. Ao fim da tarde dirigi-me ao Largo do Carmo. Ouvi a intervenção de Francisco Sousa Tavares. Vi sair a chaimite que transportava Marcello Caetano. Percebi que seria a rendição. E veio, ao fim de alguns dias, aquele inesquecível 1.º de Maio!

O papel dos católicos na luta pela liberdade e no 25 de Abril é uma história que se vai estando a fazer. Dela, e a diferentes níveis de intervenção, eu destacaria três figuras de eclesiásticos: D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto, exilado durante 10 anos, o jesuíta e professor universitário padre Manuel Antunes e o meu patriarca, D. António Ribeiro, que sempre me apoiou desde o Caso da Capela do Rato e nos tempos agitados do PREC. Aos três presto homenagem.

Depoimento recolhido por Alexandra Tavares-Teles.

Equipa da Martens Ferrão – professores de Religião e Moral em vários liceus de Lisboa na segunda metade dos anos 60. O padre Alberto Neto, o coordenador da Equipa e da Capela do Rato, à direita na foto, a seguir o padre António Janela (com óculos).

SEGURANÇA

PJ captura em três meses o dobro dos fugitivos do ano passado

INVESTIGAÇÃO Quarenta procurados pelas autoridades internacionais foram detidos pela PJ só no primeiro trimestre de 2024. Em período homólogo do ano passado foram detidas 22 pessoas. A PJ explica este aumento com reforços e trabalho em equipa. No terreno, os inspetores têm bem definido todo um esquema de trabalho, que passa por vigilâncias e outras técnicas que os fazem chegar aos fugitivos.

Os detidos são presentes a um tribunal superior, no caso o Tribunal da Relação, e por norma ficam em prisão preventiva.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

O homem, sem poiso fixo, deambulava entre a zona de Vila do Bispo, no Algarve, e o Sul de Espanha, num jipe, como se nada fosse. Só que o indivíduo, que se cruzou com inúmeros portugueses e espanhóis nos seus passeios, tinha sido condenado a 20 meses de prisão nos Países Baixos pela violação de seis mulheres. Resolveu fugir e escapar à cadeia. Sucede que sobre ele pendia um mandato de detenção europeu e a "notícia vermelha" – é assim que os inspetores chamam a estes alertas – fez soar os alarmes na Polícia Judiciária (PJ). "Os factos ocorreram entre 2013 e 2017, altura em que o detido exercia atividade profissional numa casa de massagens tântricas. Aproveitando-se do facto de ser massagista, o homem, de 59 anos, violou pelo menos seis mulheres", pode ler-se no comunicado da PJ.

Este foi mais um caso a acrescentar aos 40 fugitivos que foram apanhados pela equipa da Unidade de Informação Criminal (UIC) da PJ apenas nos primeiros três meses deste ano. Cerca do dobro das capturas ocorridas o ano passado, em período homólogo: 22. "Este aumento justifica-se pelo crescente reforço, capacitação, conhecimento e *networking* transversal à atividade da equipa", revela a PJ.

Houve mais. Em março, por exemplo, a UIC deteve, na região Centro, um cidadão estrangeiro, de 37 anos, sobre o qual pendia um mandado de detenção internacional emitido pelas autoridades judiciárias brasileiras. A detenção ocorreu no contexto de uma operação conjunta com a Polícia Federal brasileira, desencadeada em simultâneo nos dois países, visando o desmantelamento de uma rede criminosa organizada de tráfico internacional de estupefacientes. O esquema consistia no transporte de contentores com grandes quantidades de droga a partir de vários portos do Nordeste brasileiro com destino à Europa.

40

Fugitivos A UIC deteve, só nos primeiros três meses deste ano, 40 cidadãos procurados pela justiça estrangeira para cumprimento de mandados de detenção europeus e internacionais.

75

Foragidos Durante todo o ano de 2023 foram localizados e detidos pela PJ 75 cidadãos fugidos à justiça, na sua maioria indiciados por crimes graves e/ou envolvimento na criminalidade organizada transnacional.

No mesmo mês, um homem condenado a 10 anos de prisão pelo crime de homicídio na forma tentada foi detido no Norte. O fugitivo, de 61 anos, tentou assassinar outra pessoa por causa de uma discussão no trânsito, em 2017, atropelando propositadamente a vítima e arrastando-a alguns metros até embater num autocarro.

Em abril de 2020 foi obtida informação de que o homem tinha viajado para a Europa e, mais tarde, entrou em Portugal. Ficou em preventiva a aguardar extradição para o Brasil. "A análise prévia da informação que chega por parte de quem emite os mandatos, e que chega cada vez mais rica, permite-nos ter outro tipo de enfoque analítico. E os resultados surgem", avança José Leal, diretor da UIC.

Quanto ao violador neerlandês que andava a deambular entre o Algarve e o Sul de Espanha, as "férias" acabaram no dia 13 deste mês, quando foi surpreendido pelos inspetores da UIC. "No caso desse cidadão, já vinha alguma informação rica na origem [autoridades dos Países Baixos], nomeadamente sobre o carro. Depois, nós vamos à procura desses pequenos rastos para definir onde é que a pessoa possa estar em Portugal", começa por explicar Fernando Santos, 54 anos, inspetor da PJ. "Ele andava de um lado para o outro, mas tem de comer, precisa de água, precisa de ir abastecer o carro, ia fazer *surf*", adianta ainda o inspetor. "Há sempre qualquer coisa, e é nesses pequenos nadas que vamos ao encontro [dos foragidos]. O único senão é que temos de perder tempo. Pode demorar dois ou três dias como pode demorar meses", acrescenta Miguel Gonçalves, inspetor-chefe da UIC.

O sucesso da UIC prende-se com a maior colaboração entre a PJ e as suas congéneres estrangeiras, mas também com a dedicação dos operacionais. "Quem os conhece diria que serem inspetores da PJ era o primeiro desejo que eles tinham desde miúdos", orgulha-se o diretor, José Leal. Ao mesmo tempo, os inspetores estão ligados diretamente aos colegas de outros países através da Rede ENFAST – European Network of Fugitive Active Search Teams. "Estamos sempre em contacto e reunimos com uma regularidade anual. Conhecemo-nos mutuamente e temos confiança entre todos os parceiros. Eu sei com quem estou a falar em cada país", refere o inspetor Fernando Santos. "A informação é mais célere e sabemos quem é que trabalha especificamente nesta área", completa José Leal.

> *"Vamos à procura desses pequenos rastos. Ele [foragido neerlandês] andava de um lado para o outro, mas tem de comer, precisa de água, precisa de ir abastecer o carro, ia fazer* surf."
>
> **Fernando Santos**
> *Inspetor da UIC da PJ*

Quando foi apanhado pelos inspetores da PJ, o violador neerlandês "momentaneamente não ficou alegre, resignou-se", revela o inspetor Fernando Santos. Muitos dos foragidos, quando caem nas mãos das autoridades, "têm tendência a perguntar, depois de a situação já estar um bocadinho mais serena: 'Mas como é que chegaram até mim?' Foi o caso", revela o inspetor-chefe.

O fugitivo foi então presente ao Tribunal da Relação de Évora, que determinou que ficasse a aguardar o processo de extradição em prisão preventiva.

A equipa é composta pelo diretor e 11 operacionais e está focada "no processo de análise prévia de mandatos de detenção, sejam eles de natureza internacional ou nacional, no âmbito das competências reservadas à PJ", explica José Leal. Essas competências prendem-se, "de uma forma geral, com a criminalidade violenta, organizada, grave, criminalidade de teor transnacional ou nacional. Por detrás deste tipo de criminalidade há dezenas de crimes materializados no âmbito do direito penal: homi-

PAULO JORGE MAGALHÃES/GLOBAL IMAGENS

cídios, tráfico de droga, tráfico de seres humanos, violações...”

Além desta perseguição aos que andam fugidos à justiça, a UIC ocupa-se também de casos de desaparecidos, “em particular pessoas especialmente vulneráveis em razão da idade ou da sua saúde, ou quando subjacente ao desaparecimento possa haver uma suspeita da prática de um crime da competência da PJ”.

O trabalho dos inspetores da UIC começa quando há um mandado de detenção nacional ou internacional. “A nossa atuação só pode

> *“A nossa atuação só pode avançar a partir do momento em que é inserida aquilo que nós designamos por ‘notícia vermelha’. [...] A partir daí qualquer país que localize o indivíduo pode proceder à sua detenção.”*
>
> **Miguel Gonçalves**
> *Inspetor-chefe da UIC da PJ*

avançar a partir do momento em que é inserida aquilo que nós designamos por ‘notícia vermelha’”, explica Miguel Gonçalves. A ‘notícia vermelha’ pode chegar através da Interpol, Europol ou das autoridades nacionais. “A partir daí, qualquer país que localize o indivíduo pode proceder à sua detenção.”

Hoje os mandados de detenção europeus estão mais facilitados. “Nestes casos, não é uma extradição, é uma entrega. Portugal entrega [o fugitivo] ao país que o está a solicitar. Assim como o país que nos está a solicitar também nos pode entregar um indivíduo, quer seja para procedimento criminal , quer seja para o cumprimento de pena”, explica José Leal.

Os casos de fora da Europa são mais complicados. “No mandado de detenção internacional é completamente diferente, não é tão ágil.” E dá um exemplo: “No mandado de detenção europeu, um indivíduo que tenha sido detido aqui em Portugal obrigatoriamente vai sempre a um tribunal superior – o Tribunal da Relação competente – para ser ouvido pelo juiz. Se logo naquela altura aceitar a sua entrega e o juiz também assim o entender naquele dia, [o indivíduo] tem de ser entregue ao país que o requereu em 10 dias seguidos.”

Nos casos de fora da Europa, “há uma garantia que tem de ser cumprida: não há nenhum cidadão que seja detido em Portugal que possa ser condenado a mais de 25 anos de prisão [a pena máxima em Portugal]. Se o crime que cometeu no país de origem tiver uma pena de prisão perpétua ou superior a 25 anos, ele nunca é extraditado se Portugal não obtiver garantias”, prossegue José Leal. O inspetor-chefe Miguel Gonçalves conta: “Em tom de brincadeira costumamos dizer: ‘Olha a sorte dele! Se fosse lá no país dele, apanhava 60 anos.’ Aqui não pode apanhar mais do que 25, mesmo que seja extraditado.”

Ainda assim, nem sempre os objetivos são cumpridos. “Tivemos um caso que metia um grande traficante colombiano, que estava cá em Portugal”, começa por contar o inspetor-chefe, Miguel Gonçalves. “Este trabalho foi desenvolvido, inicialmente, a pedido das autoridades espanholas, que, tal como nós, têm uma grande ligação às suas antigas colónias. Havia um mandado de detenção internacional e o indivíduo estaria cá, com a companheira e o filho”, prossegue. “Fomos para o terreno e acabámos por perceber que ele estaria num determinado local, num apartamento. Montámos uma vigilância para perceber qual a altura mais oportuna para podermos atuar. Numa noite, o indivíduo estava a preparar-se para se meter num táxi e ir-se embora. Aqui, o inspetor Fernando, com o resto da equipa, conseguiu deter o indivíduo, que foi presente ao Tribunal da Relação.” Porém, o colombiano não ficou em prisão preventiva. “Por motivos que nos ultrapassam, isso não aconteceu. Sucede que o homem também tinha nacionalidade israelita. No mesmo dia, apanhou um avião e foi-se embora para Israel.”

Mas a PJ nunca desiste. “Temos de ter resiliência, porque depois de um caso vem outro”, avança José Leal. “Muitas vezes trabalha-se muito sobre um determinado caso e não se consegue chegar simplesmente porque não há onde chegar. Conclui-se, por exemplo, que o indivíduo não está em Portugal, está noutro local qualquer.”

Ainda assim, não consideram que seja tempo perdido. “No contexto do esforço internacional para capturar estas pessoas é muito importante. Ao termos esgotado as possibilidades de investigação para saber se ele está em Portugal ou não, e colhendo informação que está noutro país, isso é vital para nós podermos transmitir essa informação, para que o outro país possa desencadear as ações que tiverem de ser feitas para a localização e detenção do tal indivíduo”, finaliza o diretor da UIC.

isabel.laranjo@dn.pt

Inspetores lidam com o perigo e confessam que o medo “faz parte”

ROTINA Têm família e amigos, mas são discretos no que toca à profissão. Lidam com fugitivos perigosos e revelam que não contam tudo em casa.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

“Temos a nossa vida normal. Sou casado, tenho mulher, filhos, o meu colega também”, começa por descrever Miguel Gonçalves, inspetor-chefe da Unidade de Informação Criminal (UIC) da PJ. “Também vou às festas de anos dos amigos dos meus filhos e da escola. Não todas, porque muitas vezes a profissão não permite”, lamenta.

As vigilâncias que são montadas aos fugitivos e outras diligências ditam que, muitas vezes, os inspetores tenham de trabalhar fora de horas. “Estamos mais limitados do que um indivíduo, por exemplo, que trabalha numa seguradora, que entra às nove e sai às cinco. Nós aqui sabemos quando entramos mas não sabemos quando saímos”, observa.

O segredo é uma regra de ouro para quem trabalha no meio do crime. “Temos de ter uma certa discrição, não andamos a dizer aos vizinhos que somos da PJ”, observa Miguel Gonçalves. “E temos a facilidade de não termos farda, isso ajuda muito”, acrescenta Fernando Santos, inspetor da UIC.

O perigo faz parte da profissão. Os fugitivos cometeram ou, no caso dos ainda não condenados, terão cometido crimes graves. São, por norma, pessoas violentas. As famílias dos inspetores sabem disso, mas eles não fazem conversa sobre o assunto. “Não vamos para casa contar o nosso dia a dia. Temos de saber viver”, avança o inspetor Fernando Santos. “A família, às vezes, sofre um bocadinho”, afirma o inspetor-chefe, Miguel Gonçalves.

E há medo. “Se não tiver medo, não serve para a função”, afiança o inspetor-chefe. “O medo faz parte, não nos pode é controlar. Temos de controlar o medo, não nos pode condicionar. Agora todos temos de ter medo. As coisas têm de ser bem pensadas e sempre em segurança. Nunca se trabalha sozinho na polícia”, avança, por sua vez, o inspetor Fernando Santos.

O diretor da UIC, José Leal, concorda com os inspetores com quem trabalha: “O medo só é negativo se tomar conta de nós. Senão, põe-nos alerta.”

> *“O medo só é negativo se tomar conta de nós. [...9 Tendo em conta o empenho que eles têm, conhecendo-os bem, diria que desde pequeninos que gostavam de ser inspetores da PJ.”*
>
> **José Leal**
> *Diretor da UIC da PJ*

Os dois inspetores concorreram à PJ sem grandes romantismos. “Naquela altura, a única coisa parecida com a PJ que havia na televisão era o *Zé Gato*. Hoje já há os *CSI* e os miúdos todos, quando vêm para aí, já pensam mais nisso”, explica. Miguel Gonçalves concorreu à PJ “por uma situação que surgiu”. “Um colega que estava na tropa não concorreu porque não tinha carta de condução, que é exigida. Eu tinha carta de condução e vim ver. Não sabia, ouvia falar da PJ e decidi concorrer... E em boa altura o fiz”, orgulha-se.

O inspetor Fernando Santos entrou para a Judiciária aos 29 anos. “Não lhe vou dizer que gostava de fazer isto desde pequenino. Foi uma circunstância e já tenho 25 anos de PJ.”

José Leal, o diretor, enfatiza: “Tendo em conta o empenho que eles têm, conhecendo-os bem, diria que desde pequeninos que gostavam de ser inspetores da PJ.”

isabel.laranjo@dn.pt

Eleições europeias - sondagem

Intenção de voto com distribuição de indecisos*

Comparação com o resultado obtido nas eleições legislativas de 10 de março de 2024 e com os resultados das europeias de 26 de maio de 2019

Nota: base de inquiridos que declararam intenção de votar foi de **58%** do total

*distribuição proporcional dos indecisos, tendo em conta a votação anterior e questões adicionais relativas à Esquerda/Direita
**Aliança Democrática (AD) é uma coligação entre o PSD, o CDS-PP e o PPM
***Chega associou-se ao BASTA!, uma coligação com o PPM, para as eleições europeias de 2019

FONTE: AXIMAGE, BARÓMETRO POLÍTICO DE ABRIL DE 2024 INFOGRAFIA JN

Homens dão vantagem de seis pontos ao PS para as eleições europeias

SONDAGEM Socialistas (31,3%) à frente da AD (24,8%). Chega (18,4%) conseguiria quatro eurodeputados. IL e Livre podem estrear-se no Parlamento Europeu. BE e CDU reduzidos a um eleito. PAN de fora.

TEXTO **RAFAEL BARBOSA**

O PS é o favorito a vencer as eleições europeias de 9 de junho (31,3%), tendo, nesta altura, uma vantagem de seis pontos sobre a AD (24,8%), de acordo com uma sondagem da Aximage para o DN, JN e TSF. O Chega destaca-se no terceiro lugar (18,4%), lidera destacado entre os eleitores mais jovens e poderá eleger quatro eurodeputados. Seguem-se BE (5,9%), IL (5,8%), CDU (4,1%) e Livre (3,6%), todos com hipótese de conquistar um lugar no Parlamento Europeu, e, finalmente, o PAN (1,8%), que deverá perder o lugar que conseguiu em 2019.

Quando faltam, precisamente, sete semanas para a ida às urnas e ainda estão por anunciar os cabeças de lista dos dois principais concorrentes, a vantagem é dos socialistas que, mesmo em perda relativamente às europeias de 2019 (teriam menos dois eurodeputados, passando de nove para sete), ficariam três pontos acima do resultado das legislativas (31,3%). A vantagem sobre o centro-direita deve-se ao eleitorado masculino (mais 12 pontos), uma vez que entre as mulheres se regista um empate.

A projeção do resultado da Aliança Democrática (PSD e CDS repetem a coligação das legislativas) poderá ter sido influenciada pela polémica com o IRS, uma vez que o trabalho de campo da sondagem começou imediatamente a seguir, mas terminou ainda antes da aprovação dessa baixa em Conselho de Ministros e das explicações mais detalhadas do primeiro-ministro Luís Montenegro. Certo é que a AD cai face a 2019 (soma de PSD e CDS, que concorreram separados nessa eleição) e arrisca perder um eurodeputado e quatro pontos relativamente às eleições legislativas de março passado (24,8%).

Do Basta ao Chega

O grande "vencedor" das próximas europeias, a manter-se esta projeção, será o Chega. Recorde-se que a primeira aventura eleitoral de André Ventura como líder da direita radical foi precisamente nas eleições para o Parlamento Europeu de 2019 (então, à frente da coligação "Basta"), ficando-se por uns escassos 1,5%.

Relativamente às legislativas, o resultado seria praticamente igual, mas, se o compararmos com o de há cinco anos, seria de mais 17 pontos (18,4%). E o prémio ao alcance do Chega são quatro eurodeputados, que deverão integrar o grupo Identidade e Democracia (onde já estão a Liga de Salvini, a União Nacional de Le Pen e o Partido da Liberdade de Wilders).

Confirmando os dados recolhidos durante as sondagens da última campanha, e em particular as que foram feitas à boca da urna (com amostras de grande dimensão e bastante certeiras), o Chega mostra força entre a metade mais jovem do eleitorado: entre os que

FICHA TÉCNICA
Sondagem de opinião realizada pela Aximage para DN/JN/TSF sobre temas da atualidade nacional política. Universo: Indivíduos maiores de 18 anos residentes em Portugal. Amostragem por quotas, obtida a partir de uma matriz cruzando sexo, idade e região. A amostra teve 811 entrevistas efetivas: 711 entrevistas online e 100 entrevistas telefónicas; 391 homens e 420 mulheres; 183 entre os 18 e os 34 anos, 218 entre os 35 e os 49 anos, 228 entre os 50 e os 64 anos e 182 para os 65 e mais anos; Norte 281, Centro 173, Sul e Ilhas 133, A. M. Lisboa 224. Técnica: aplicação online (CAWI) de um questionário estruturado a um painel de indivíduos que preenchem as quotas pré-determinadas para pessoas com 18 ou mais anos; entrevistas telefónicas (CATI) do mesmo questionário ao subuniverso utilizado pela Aximage, com preenchimento das mesmas quotas para os indivíduos com 50 e mais anos e outros. O trabalho de campo decorreu entre 12 e 16 de abril de 2024. Taxa de resposta: 70,42%. O erro máximo de amostragem deste estudo, para um intervalo de confiança de 95%, é de +/- 3,4%. Responsabilidade do estudo: Aximage, sob a direção técnica de Ana Carla Basílio.

têm 18 e 34 anos ficaria em primeiro lugar nas europeias, com sete pontos de vantagem sobre o PS e dez acima da AD; entre os que têm 35 a 49 anos, ficaria em segundo, a três pontos dos socialistas e com doze de vantagem sobre o centro-direita.

Para além do Chega, há apenas mais dois partidos que crescem face às europeias de 2019.

Sobe e desce

A Iniciativa Liberal, que se estreou nesse ano com 1%, consegue, agora, uma projeção de 5,8% (o que representa, também, uma subida de um ponto relativamente às legislativas). Um resultado que, a confirmar-se, lhe garante a eleição de um eurodeputado. O outro partido a crescer é o Livre, que duplica o que conseguiu na sua primeira corrida à Europa (3,6%), mas está no limiar entre entrar ou ficar de fora do grupo de 21 eleitos ao Parlamento Europeu. Nos restantes partidos mais à Esquerda, as notícias são menos positivas, se se tiver em conta o que conseguiram nas europeias de 2019: BE (5,9%) e CDU (4,1%) passariam de dois para um eurodeputado, enquanto o PAN ficaria a zero. Há um bom sinal para bloquistas e comunistas: ambos recuperam face ao mau resultado das legislativas.

rafael@jn.pt

RADIOGRAFIA

12%

é a percentagem de indecisos e é suficiente para provocar grandes alterações na próxima corrida à Europa. Um dado a que acresce o tempo que ainda falta e ao desconhecimento sobre vários dos cabeças de lista.

43%

para o PS entre os idosos. Sem surpresas, é entre os eleitores com 65 ou mais anos que recolhe mais intenções de voto nesta sondagem. Também é entre os mais velhos que a AD tem o seu melhor resultado (35%).

30%

na Área Metropolitana do Porto para a AD. É a única região do país em que a AD consegue suplantar os socialistas (28%). Ao contrário, é em Lisboa que o PS (36%) tem maior vantagem sobre a coligação de centro-direita (23%).

Abstenção elevada

A incerteza é ainda maior quando se tem em conta a taxa de abstenção de 2019: 65%, se considerarmos apenas quem vive em Portugal; 70%, se incluirmos os emigrantes. Quem for mais eficaz a mobilizar eleitorado fica em vantagem.

Homens vs mulheres

O PS, o Chega e a CDU são os três partidos com maior pendor masculino. São, aliás, os homens que asseguram a liderança dos socialistas. Mais femininos são, nesta altura, a AD, o BE, IL, Livre e PAN (elas são quase o triplo deles).

Mais-valias regionais

O melhor resultado do Chega é nas regiões Centro e de Lisboa (21%). O BE destaca-se no Centro (12%). A CDU no Sul (9%). A Iniciativa Liberal no Norte e no Centro (8%). O Livre em Lisboa e Porto (5%) e o PAN no Sul (4%).

PAULO NOVAIS/LUSA

Nuno Melo defendeu papel do CDS-PP e incitou a que "nunca se sintam parceiros menores".

CDS-PP adota superação como palavra de ordem

CONGRESSO Sem obstáculos à reeleição, Nuno Melo quer partido moderno e para jovens. Com ataques ao Chega e recados ao PSD.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

O presidente do CDS-PP, Nuno Melo, será reeleito hoje para um segundo mandato, mas em circunstâncias bem diferentes daquelas que enfrentou em 2022, ao assumir a liderança dos centristas, após o partido ficar sem representação parlamentar.

Sem oposição e de regresso ao Governo e à Assembleia da República, embora só com um ministro, dois secretários de Estado e dois deputados, Melo recorreu ontem várias vezes à palavra "superação" no primeiro dia do 31.º Congresso do CDS-PP, que hoje termina em Viseu.

Ao apresentar a moção de estratégia global, que visa um partido mais moderno na comunicação e dirigido aos jovens, o que se traduzirá em renovação nos órgãos dirigentes, cujas listas ainda estavam a ser definidas à hora de fecho desta edição, o ministro da Defesa Nacional recordou "as superações quando era mais difícil". Isto é, durante os dois anos em que o partido esteve fora da Assembleia da República e "a maior parte dos comentadores diziam que tinha acabado".

"O que nos define são as superações. Sabemos que ninguém tem sucesso na descrença", disse, sendo ovacionado ao referir-se à placa do grupo parlamentar, retirada há dois anos e agora aparafusada pelo próprio Melo. "Está lá, onde faremos por a merecer todos os dias", prometeu.

Certo de que o CDS "não se mede por dois anos de ausência da Assembleia da República" e sim "por 50 anos de pertença", diise, reafirmando que o partido "nunca foi substituído por ninguém". E dedicou ataques às forças políticas que lhe retiraram eleitores, de forma subtil com a Iniciativa Liberal, sobre a entrega da saúde a privados, e ostensiva com o Chega. Aplaudido de pé ao dizer que Paulo Núncio e João Almeida são só dois deputados, "mas valerão por 50", recordou que "outro tipo de extremistas anunciaram que seriam donos do Caldas", quando André Ventura admitiu comprar o prédio arrendado ao CDS-PP pelo Patriarcado de Lisboa.

Mas Nuno Melo também deixou recados ao PSD, defendendo que os centristas foram essenciais para a vitória da Aliança Democrática nas legislativas, encerrando o ciclo de governação socialista. "O CDS não foi muleta e o PSD não foi barriga de aluguer", disse, incitando os que o ouviam a que "nunca se sintam parceiros menores desta coligação".

Num primeiro dia em que a nova declaração de princípios do CDS-PP – que "não revoga a outra", subscrita pelos fundadores em 1974, e "só a complementa e atualiza" – foi aprovada com apenas oito abstenções, viu-se um vídeo de Paulo Portas, que agradeceu a Melo por "superar um tempo difícil" e apontou como caminho para o partido demonstrar utilidade e competência. Mas a figura mais destacada foi outro ex-presidente: Manuel Monteiro disse que "não temos de pedir desculpa por sermos contra o aborto". Por seu lado, Paulo Núncio apontou o combate à corrupção, a dignificação das forças de segurança e a defesa dos valores centristas como prioridades imediatas.

> Ex-presidente Manuel Monteiro disse que "não temos de pedir desculpa por sermos contra o aborto."

IL é o partido que mais projetos de lei apresenta. BE lidera nas resoluções

LEGISLAÇÃO Desde 3 de abril, o Parlamento já tem em mãos mais de uma centena de diplomas para discutir e votar, que vão desde o IRS a mexidas no sistema eleitoral. Algumas propostas vêm da legislatura anterior.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Dia 3 de abril. A Assembleia da República entra formalmente em funções, desfeito que está o impasse da eleição do presidente da mesa, José Pedro Aguiar-Branco. Entram, nesse dia, duas iniciativas legislativas do PAN (um projeto de resolução sobre a atribuição das bolsas de estudo e um pedido de constituição de uma comissão de inquérito à gestão da Global Media). Eram as primeiras após a plenitude de funções.

O volume de produção legislativa tem sido intenso. Olhando para o *site* oficial do Parlamento, desde o início da legislatura (que começou a 26 de março) já deram entrada nos serviços parlamentares 122 iniciativas legislativas. Consultando os dados, é também possível ver que mais de metade das entradas são projetos de lei gizados pelos partidos. Independentemente do lado da barricada em que se está, propostas semelhantes acontecem e algumas transitam da última legislatura.

O PCP, por exemplo, apresenta agora um projeto de lei sobre o complemento vitalício de pensão para antigos combatentes, que na anterior legislatura foi chumbado pelo PS, mas aprovado... pelo PSD.

A Iniciativa Liberal (IL) é, por larga margem, o partido que mais projetos de lei produziu (21), só acompanhado de perto pelo Bloco de Esquerda (que ganha nas resoluções, com 16 apresentadas) e pelo PCP (13 projetos de lei, tantos quantos o BE).

Sendo que, também aqui, há um tema que já vem da legislatura passada e é comum entre a IL, o BE, o PAN e o Livre: a introdução do ciclo de compensação nacional nas eleições para a Assembleia da República (que já existe nas eleições para a Assembleia Regional dos Açores). Apesar da convergência, os partidos diferem quanto ao número de mandatos atribuíveis por este novo círculo (por exemplo, a IL defende que devem ser 30 e o Livre 37).

Outro tema em que há convergência são as forças de segurança. Em concreto, a necessidade de lhes atribuir um suplemento de missão. Aqui, Chega, PCP e PAN estão de acordo com esta necessidade.

Outra figura legislativa que, da esquerda à direita, tem sido entregue são os projetos de resolução. Não vinculativos, destinam-se apenas a fazer recomendações sobre alguns assuntos. Aqui, ao contrário do que acontece nos projetos de lei, todos já apresentaram pelo menos um. Ainda que, no caso do CDS-PP, o projeto de resolução entregue seja para a constituição de uma comissão eventual para verificar os poderes dos deputados eleitos (que também foi entregue por todos os grupos parlamentares). Aqui, o Bloco volta a estar entre aqueles que mais resoluções produziram (liderando com 16).

Desde o início da legislatura, foram também já pedidas quatro Comissões de Inquérito Parlamentar (CPI). As de BE e PAN – mais uma vez sobre o mesmo tema (a gestão da Global Media, grupo de comunicação a que pertence o DN, que marcou a legislatura anterior) – já foram chumbadas. Há ainda duas para serem votadas: uma do PCP, sobre a privatização da ANA, e uma do Chega, sobre o chamado "caso das gémeas". Neste último caso, o partido de André Ventura já avançou até que, se a proposta não for viabilizada, pode fazer entrar um requerimento potestativo, contornando o chumbo.

A PRODUÇÃO DOS PARTIDOS

	PROJETOS DE LEI	PROJETOS DE RESOLUÇÃO	INQUÉRITO PARLAMENTAR	TOTAIS PARTIDOS
PSD	0	2	0	**2**
PS	0	2	0	**2**
CHEGA	1	5	1	**7**
IL	21	8	0	**29**
BE	13	16	1	**30**
PCP	13	7	1	**20**
LIVRE	3	4	0	**7**
CDS-PP	0	1	0	**1**
PAN	12	11	1	**24**
TOTAL	63	56	4	**123**

Programa de Estabilidade com seis resoluções

Há já vários projetos de resolução apresentados pela oposição com um tema em comum: o Programa de Estabilidade. Seis, ao todo, sobre o tema. Há, no entanto, perspetivas diferentes. Se, por exemplo, a IL recomenda ao governo que "reflita no Programa de Estabilidade as previsões macroeconómicas" anunciadas em campanha, o PCP apresentou uma resolução que "rejeita o Programa de Estabilidade e a política de direita".

O PAN tem duas resoluções sobre o tema, pugnando por coisas diferentes ("transparência da execução orçamental e garantia de envolvimento da Assembleia da República na aplicação de receita fiscal extraordinária" e "inclusão dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 e

A Assembleia da República está formalmente instalada desde dia 3 de abril.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

dos princípios de orçamentação verde da Lei de Bases do Clima").

O BE também apresentou uma resolução a pedir a transparência "nas opções de política económica" e defendendo a rejeição do Programa de Estabilidade. O Livre recomenda que o governo "contemple critérios objetivos e previsíveis para a utilização da folga orçamental". Com este programa a ser discutido na próxima quarta-feira (dia 24), o governo já sabe que terá a oposição atenta.

Mudanças no IRS já deram entrada no Parlamento

Também no dia 24 de abril será discutida – e votada – a proposta do Executivo para alterar o Código do IRS. O diploma, aliás, já está na Assembleia, tendo dado entrada ontem, poucas horas depois de ter sido anunciado publicamente.

Além dos partidos e do Executivo, há também dois projetos de deliberação da autoria de José Pedro Aguiar-Branco, presidente do Parlamento: um para agendar a votação sobre o Programa de Estabilidade (e a data-limite para entrega de propostas) e outro para definir o elenco e a comissão das 14 comissões parlamentares permanentes, que entraram em funcionamento na passada quinta-feira e que já têm vários assuntos em mãos.

rui.godinho@dn.pt

Das quatro Comissões de Inquérito Parlamentar pedidas desde o início da legislatura, duas já foram chumbadas.

Montenegro declara apoio à distância para os desafios de Miguel Albuquerque

MADEIRA Presidente do Governo Regional teve líder nacional a desejar-lhe "toda a sorte" num vídeo enviado para o Congresso que antecede as eleições antecipadas.

TEXTO **LEONARDO RALHA***

O presidente demissionário do Governo Regional da Madeira, Miguel Albuquerque, que voltará a liderar o PSD em eleições regionais, antecipadas para 26 de maio, recebeu ontem o apoio de Luís Montenegro, líder nacional social-democrata. Mas só à distância, numa mensagem em vídeo ouvida no 19.º Congresso do PSD-Madeira, a decorrer no Funchal, pois o primeiro-ministro está a fazer uma visita oficial a Cabo Verde.

"Quero expressar ao Miguel Albuquerque, em nome do PSD nacional, toda a sorte e todo o espírito de cooperação para estes desafios enormes", declarou Montenegro sobre as eleições regionais, convocadas pelo Presidente da República após as acusações de corrupção que levaram à detenção do presidente da Câmara do Funchal, Pedro Calado, e em que Albuquerque foi constituído arguido, o que não impediu o primeiro-ministro de ver "todas as razões para que os madeirenses e porto-santenses continuem a confiar naquele que foi sempre o motor do desenvolvimento da região". Algo que também se aplica às europeias de 9 de junho e às autárquicas de 2025, com o líder nacional social-democrata a antecipar "um trabalho político intenso" nos dois anos de mandato dos órgãos dirigentes.

Montenegro partilhou ainda o desejo de que a Madeira "continue a ser um farol de orientação daquilo que são as políticas do PSD", descrevendo-as como políticas "que transformam a vida das pessoas, garantem verdadeira igualdade de oportunidades e promovem crescimento da economia como pressuposto para podermos ter mais justiça social".

Miguel Albuquerque foi reeleito presidente do PSD-Madeira a 21 de março, numas eleições diretas impactadas pela investigação judicial ao alegado favorecimento de grupos económicos por altos responsáveis políticos. Obteve 2243 votos de militantes, contra 1856 para Manuel António Correia, ex-secretário do Ambiente e Recursos Naturais, próximo do histórico Alberto João Jardim, que ontem foi ausência notada na consagração de Albuquerque.

Na intervenção inicial, Albuquerque disse que o partido "não se intimida com ações mediáticas da Polícia Judiciária" e, "cheio de energia e determinação" – "sinto que tenho menos 20 anos", disse –, realçou a urgência em "acabar com as divisões", dizendo aos apoiantes do adversário que "não vale a pena ficarem ressabiados".

Logo a seguir, Manuel António Correia acusou Albuquerque de ser "um líder de fação", confessando-se "surpreendido desagradavelmente" com tais palavras, "quando era exigível e esperado que apelasse à união".

Ao contrário de 2023, quando venceu sem maioria absoluta, o PSD irá a votos sozinho, sem repetir a coligação pré-eleitoral com o CDS-PP, parceiro de governação desde 2019. **Com LUSA**

HOMEM DE GOUVEIA/LUSA

Albuquerque disse a opositores para "não ficarem ressabiados".

BREVES

Paupério vence primárias do Livre

Francisco Paupério venceu a segunda volta das primárias do Livre para as eleições europeias e será o cabeça de lista do partido a 9 de junho. O biólogo, de 28 anos, teve 5667,75 pontos, à frente da professora Filipa Pinto, de 52 anos, que não foi além de 3777,2 pontos, apesar de ter apoios de peso, como o deputado Jorge Pinto. Seguiram-se Carlos Teixeira (3125,91), Mafalda Dâmaso (3032,88), Tomás Cardoso Pereira (2343,99) e Inês Pires (2164,39). Paupério, que se candidatou "para dar espaço a jovens e a pessoas fora dos partidos", tinha saído vencedor na primeira volta, embora os resultados tenham gerado polémica. A Comissão Eleitoral do Livre decidiu restringir o voto na segunda volta a membros e apoiantes, alegando "fortes indícios de viciação" do processo, mas essa decisão foi revertida na quinta-feira pela Comissão de Ética e Arbitragem do partido.

Cordeiro não se recandidata ao PS-Açores

O presidente do PS-Açores, Vasco Cordeiro, derrotado nas últimas eleições regionais, anunciou que não se recandidatará à liderança no Congresso do partido, que decorre entre 27 e 29 de setembro. No final da reunião do Secretariado Regional do PS-Açores, realizada em Ponta Delgada na noite de sexta-feira, o socialista, que presidiu ao Governo Regional dos Açores de 2012 a 2020, revelou ainda que não será o nome indicado pela estrutura regional socialista para a lista do PS às eleições para o Parlamento Europeu, cujo cabeça de lista e restantes elementos serão decididos nesta segunda-feira pela Comissão Política, liderada por Pedro Nuno Santos. Segundo Cordeiro, o nome proposto pelo PS-Açores será André Rodrigues, existindo garantias do secretário-geral do PS de que lhe estará reservado um lugar elegível.

PAULO SPRANGER/ GLOBAL IMAGENS

João Eurico da Fonseca

"As dificuldades no SNS podem fazer-se sentir negativamente nos alunos de Medicina"

CELEBRAÇÃO A Faculdade de Medicina de Lisboa comemora amanhã 70 anos de ensino no Hospital Universitário de Santa Maria. Para trás, há um passado histórico de muito esforço e formação de excelência; para o futuro um risco, os constrangimentos no SNS, mas também "vários desafios", diz o diretor, como a reforma que irá permitir aos alunos o contacto mais cedo com a prática clínica.

ENTREVISTA **ANA MAFALDA INÁCIO**

A primeira aula no edifício construído de raiz para o ensino da Medicina na faculdade da Universidade de Lisboa foi dada a 4 de novembro do ano letivo de 1953-54, mas o aniversário é assinalado na data em que esta foi declarada formalmente como Faculdade de Medicina de Lisboa, a 22 de abril do ano de 1911. As sete décadas que amanhã serão celebradas representam a sua integração no Hospital Universitário de Santa Maria. E passado este tempo os desafios continuam a ser muitos, já que prepara uma "grande reforma", aquela que o diretor João Eurico da Fonseca considera que irá "motivar" ainda mais os alunos, permitindo-lhes iniciar mais cedo o contacto com a prática clínica, com o doente e com a investigação. A missão, essa, continua a ser a mesma: formação de excelência. "É preciso não esquecermos que estamos a formar os líderes da medicina da segunda metade deste século". Aqui fica o sentir de quem está à frente da instituição.

Quais são hoje as maiores dificuldades da FML, tendo em conta os constrangimentos no SNS?
A maior dificuldade de todas as faculdades de Medicina, e desta em particular, é a limitação do profissionalismo no ensino da Medicina. Ou seja, se compararmos as faculdades de Medicina com as outras faculdades da Universidade de Lisboa, que são 18, a maior parte destas tem professores a tempo completo, enquanto que as de medicina não. A maioria dos docentes está habitualmente em regime de voluntariado, a 10%, a 20% ou 30%. Só um pequeno corpo profissional, no nosso caso cerca de 70 professores, é que pertence estritamente à FML. E isto não permite a mesma capacidade organizativa que tem uma escola completamente profissional. Esta é a primeira limitação e é histórica. A outra tem a ver com o SNS e com a estrutura do ensino que assenta nas suas unidades. Portanto, quando o SNS está sob pressão e com constrangimentos, os alunos que circulam nos anos com prática clínica sentem isso, tal como quem é docente e faz atividade clínica ao mesmo tempo. Mas a isto acresce um outro facto que gera também pressão, que é o aumento do número de alunos nas faculdades de Medicina. Nós temos cerca de 2200 alunos, quase 400 por ano, e tivemos de arranjar uma estruturação mais criativa para manter a qualidade do ensino, fazendo com que alguns passassem a circular noutros hospitais, como no Beatriz Ângelo e no Fernando da Fonseca.

O ensino da medicina pode estar em causa pelos constrangimentos no SNS?
Não está em causa, mas tem de ser vigiado. E não está em causa porque há uma reação muito pró-ativa das faculdades e dos próprios alunos para se evitar que ocorram situações de má qualidade no ensino. Se os alunos chegam a um local com constrangimentos funcionais podem ter problemas no acesso a um ensino de qualidade. Há sempre este risco e devemos estar muitos atentos. E quando digo estarmos muito atentos, digo que tal tem de envolver o SNS, porque é o principal interessado na formação destes médicos; faculdades, que são as responsáveis por este ensino; e alunos, que entregam as suas vidas a estas instituições. Mas há um detalhe importante: é que se, por um lado, as dificuldades no SNS podem fazer-se sentir negativamente nos alunos, por outro as faculdades têm um efeito positivo no SNS, desafiando-o e estimulando os jovens médicos e todos os profissionais para um projeto de responsabilidade e de identidade, com preocupação com a Saúde de todos.

Falou nas dificuldades do SNS e de como estas podem afetar o ensino. Como diretor da FML o que diria aos novos governantes?
Em primeiro lugar, que é muito importante olhar para a nova organização das Unidades Locais de Saúde (ULS) que integram os hospitais universitários, porque estes têm realidades muito diferentes dos outros hospitais. Os universitários são preparados para abordar casos clínicos mais complexos e doenças raras, tendo doentes mais onerosos que os outros, quer pelo preço dos fármacos quer pelo tempo exigido aos médicos e aos outros profissionais. Portanto, do ponto de vista conceptual a ULS pode ser muito interessante, mas do ponto de vista prático pode criar grandes problemas aos hospitais universitários. O primeiro problema será financeiro, uma vez que o financiamento das ULS não está ligado à complexidade dos doentes, mas sim ao número de doentes. O que significa que os hospitais universitários estarão sempre em stress financeiro, porque têm de dar resposta a necessidades mais caras. E se o novo Ministério da Saúde não olhar de forma diferente para os hospitais âncora do SNS e para a sua relação com a academia será difícil que o progresso ocorra na medicina e no SNS em geral.

Espera que haja mudanças então...
É muito importante reavaliar o posicionamento dos hospitais universitários no conceito das ULS. É preciso diferenciá-los, se calhar como ULS universitárias ou manter estes hospitais um pouco à parte, embora em relação com outras ULS. Mas o conceito de ULS de integração absoluta pode ser complicado. Por isso, esperamos que a situação seja avaliada e que haja ajustes num futuro próximo.

A ministra está a chamar os parceiros. As escolas médicas querem ser recebidas?
As escolas médicas vão pedir para serem ouvidas, porque precisamos de saber se os ministérios da Saúde e da Educação estão conscientes dos problemas que temos. Por outro lado, para que fique claro que podemos trabalhar juntos para melhorar a Saúde e o ensino médico.

Ao fim de 70 anos, quais são os principais desafios que a FML enfrenta?
O primeiro desafio é a Educação porque é essa a nossa missão principal, a nível da formação pré-graduada dos novos médicos e dos novos nutricionistas, já que a FML tem também o curso de Nutrição. E a nossa grande preocupação é garantir sempre o melhor ensino possível. Neste momento, estamos a avaliar a implementação de uma reforma grande no curso de Medicina, nos anos pré-clínicos e no mestrado integrado. A grande marca dessa alteração é a tentativa de começar a envolver os alunos mais cedo no contacto clínico, já que o nosso sentir

nos diz que este está a acontecer um pouco tardiamente. O ano de transição para os alunos, em que estes começam a aprender a ver doentes, é o terceiro ano, e nós queremos que isso aconteça logo no primeiro e de forma mais simplificada. Queremos que o ensino da anatomia e da fisiologia se faça em ligação com o que é a observação normal de um ser humano, quase como uma extensão do gesto do médico.

Para quando essa reforma? É já para os próximos anos letivos?

A nossa expectativa é que esta reforma possa entrar em vigor dentro de dois anos. Além do contacto clínico, há ainda o desafio no ensino pós-graduado, em que o objetivo é tornar esta formação mais útil à comunidade, percebendo melhor quais são as suas necessidades para que a formação seja pensada e feita de forma a responder a essas e não de acordo com o modelo contrário, em que a formação é feita de acordo com as áreas fortes da faculdade sem ter em conta as necessidades da comunidade. Na área da investigação temos um grande desafio. A faculdade é parte integrante do Instituto de Medicina Molecular (iMM), que está dentro do nosso *campus*, e que agora se está a fundir com o Instituto Gulbenkian de Ciência. Estamos num momento de transição, mas temos de nos organizar da melhor forma para que este novo instituto de ciência seja uma mais valia para o *campus* de investigação e para a prática médica em Portugal.

Esta reforma integra um outro *campus* virado para a prática clínica nos cuidados primários, certo?

Sim. É o *Campus* de Medicina de Lisboa, que funcionará no antigo Hospital do Barro, em Torres Vedras, e onde vamos oferecer aos alunos um ensino mais integrado com os cuidados de saúde primários. Este também é um desafio importante, que vai contribuir para o ensino e para a investigação de forma diferente. Por outro lado, estamos a promover com a Universidade de Harvard a criação de um centro de medicina de catástrofe e humanitária.

Costuma dizer-se que o estudante de Medicina está sempre motivado. O que é preciso fazer para se manter este entusiasmo?

Penso que é fundamental dar liberdade ao aluno de Medicina. É um aluno que precisa da componente humana e esta pode e deve ser reforçada, porque quando nas faculdades os alunos são colocados em contacto com o tal banho de humanidade, que a maioria dos outros alunos não tem, percebe-se que este é um elemento motivador. É aqui que os alunos começam a perceber o que é ser médico. É preciso estimular a sua capacidade de intervir e de interagir com a sociedade, de ser capaz de quebrar barreiras no contacto humano e ir para a frente com projetos. O aluno começa motivadíssimo porque entrou em Medicina, mas depois tem um choque de realidade, percebe que é preciso muito mais para chegar ao fim, e o contacto progressivo com o doente pode ser automotivador.

E o que é preciso para que os jovens médicos fiquem no SNS e no país?

Esse é um segundo desafio, mantê-los motivados após o curso, para que continuem no SNS e em Portugal. Mas aqui voltamos à questão inicial, que é a do relacionamento entre os alunos e as dificuldades atuais no SNS. E, aqui, é preciso haver uma identificação forte entre as faculdades de Medicina e os hospitais a que estão associadas para que seja possível permitir aos jovens médicos trabalharem em ambientes multidisciplinares, associando a formação contínua e a investigação. Este é, aliás, o fator diferenciador do SNS face a outras realidades nacionais, como o setor privado. É preciso promover um 'salário emocional' para os jovens médicos para que estes não deixem o SNS logo após a formação. Para isto, é preciso atraí-los para um ambiente de formação complementar que tem de ser melhorado. Se tal não for feito, será crítico para o progresso da Medicina em geral e para o futuro do SNS.

E quais são os desafios para a formação académica e para a Medicina na era da Inteligência Artificial?

Não nos podemos esquecer que estamos a formar os líderes da Medicina da segunda metade deste século, portanto temos de lhes dar as bases do que é a Medicina e o raciocínio médico, que continuarão a ser, seguramente, valores fundamentais do futuro para que um médico execute a sua profissão de forma correta. Falo da empatia e do respeito pelos outros, mas também da capacidade de entendimento destas componentes associadas às novas tecnologias. Um aluno de Medicina tem de começar a entender qual o papel da IA no futuro. O que sabemos até agora é que ano após ano a IA tem sido introduzida em todas as áreas de atividades. E se a Medicina não tomar os passos certos pode ser surpreendida de forma errada. Portanto, os alunos têm de saber o que é a IA, que tipo de algoritmos são feitos para dar resposta a certas situações. Mas têm de perceber, sobretudo, qualquer que venha a ser o uso da IA, que esta estará sempre dependente de um responsável humano, que no caso da Medicina é um médico.

anamafaldainacio@dn.pt

"O Ministério da Saúde tem de olhar de forma diferente para os hospitais universitários senão será difícil que o progresso ocorra na Medicina e no SNS."

BREVES

Irlandês morre afogado em Albufeira

Um homem morreu ontem na praia do Inatel, em Albufeira, no Algarve, depois de alegadamente se ter sentido em dificuldades no mar, revelou a Autoridade Marítima Nacional (AMN).
A vítima mortal tem 52 anos, nacionalidade irlandesa, e foi ainda auxiliada por duas pessoas, que também ficaram em dificuldades e tiveram de ser retiradas do mar por nadadores-salvadores, mas com vida, referiu a AMN num comunicado.
A Autoridade Marítima esclareceu que o alerta foi recebido pelas 12.54, dando conta de que "se encontravam três pessoas em dificuldade na água", mas, quando os meios enviados para a praia chegaram ao local, as vítimas já tinham sido retiradas da água pelos nadadores-salvadores.
O óbito foi declarado no local pelo INEM e o corpo seguiu para autópsia.

Climáximo quer fim dos voos Lisboa-Porto

Ativistas do grupo Climáximo substituíram cerca de uma dezena de cartazes publicitários na Baixa de Lisboa por imagens que denunciam a continuação do uso dos combustíveis fósseis e a construção de um novo aeroporto, anunciou ontem a organização. Em comunicado, estes ativistas ambientais exigem "parar imediatamente todos os voos desnecessários, em particular Lisboa-Porto; parar toda a publicidade e patrocínios que legitimizam o mercado fóssil em todos os espaços públicos; uma redução drástica da indústria da aviação; e o cancelamento do novo aeroporto, por ser um projeto, como qualquer projeto que aumente emissões, de morte e de colapso climático". A iniciativa enquadra-se na semana internacional de ação contra a publicidade, o patrocínio e o *greenwashing* das companhias aéreas.

Opinião
Daniel Deusdado

O Palácio de Gotham. O embuste do IRC

1 – Onde é que estava no dia em que António Costa se demitiu?

A pergunta passa a fazer parte do index sobre alguns dos grandes momentos dos primeiros 50 anos do 25 de Abril.

Nessa manhã, à medida que chegavam os alertas, num cavalgar incessante de tensão, ficava a sensação de se ter entrado numa nova vertigem do tempo – caótico e intraduzível para linguagem.

Até que.

No mundo do 5G e das app de televisão, as coisas acontecem nos telemóveis. Já lá iam as duas da tarde. Costa falou e disse. Kaput.

E assim se finou o poder do otimista irritante.

Às mãos de... um parágrafo – uma interpretação, um *je ne sais quoi*.

Portugal era então notícia em todo o mundo pelas piores razões. O primeiro-ministro demite-se por suspeitas de corrupção. Corrupção tipo Netanyahu? Corrupção tipo Sarkozy? Que corrupção? Nenhum modelo conhecido. Patente portuguesa. Uma escuta em forma de assim.

Enquanto decorria o filme de 7 de Novembro, pairavam no ar os mil e um sinais presidenciais.

Expresso: 14 de Outubro de 2022: "Não pensem que me vou fechar no Palácio". 6 de Janeiro 2023: "Marcelo dá um ano a Costa para salvar legislatura". 5 de Abril 2023: "Marcelo recusa visitar mais obras PRR com Costa".

A 7 de Novembro de 2023 o Palácio de Gotham triunfa.

António Cruise, encurralado, cai para o precipício e vemo-lo a voar desfiladeiro abaixo.

Em Gotham, um rumor é um indício, um indício é a presunção de um crime, a presunção de um crime é inequivocamente um crime.

O povo constata o óbito: depois da Missão Impossível - Geringonça I e II, António Cruise sai de cena.

Mas. Enquanto cai em direção ao abismo, um ramo da árvore da Justiça apanha-o pelo casaco durante a queda. E ali fica a bambolear. Cai? Não cai? Cai?

Esfíngico, o Presidente ressurge das trevas e anuncia em primeira mão a todos a feliz sobrevivência de António Cruise. "Começa a ser mais provável haver um português no Conselho Europeu".

Pequeno problema: como explicar tudo isto à Europa? Imagine-se uma notícia tipo BBC World. "O ex-primeiro ministro de Portugal foi hoje ilibado de uma acusação de corrupção e é agora candidato ao cargo de presidente do Conselho Europeu. O seu nome havia sido escutado numa conversa entre duas pessoas que pretendem construir um data center, mas o antigo primeiro-ministro não participou na conversa nem em qualquer ato ilegal". Espremido, ninguém compreende. Só ficam as palavras – acusado-corrupção-ilegal. É absolutamente terrível o poder dos julgamentos na praça pública embora a política seja a arte maior dessa sobrevivência. Eis-nos perante a Missão Impossível III: Conselho em Bruxelas.

2 Parece impossível encontrar 1500 milhões prometidos para descer mais o IRS, apesar de estarem mesmo ao lado 1500 milhões para o IRC... Está escrito na pedra que o IRC tem de descer? Quem escreveu?

Como sabemos, o Governo governa, mas só manda no que pode. E em matéria de impostos, tudo tem de ir ao Parlamento. A pergunta então é esta: porque não há uma aliança na oposição para chumbar os 1500 milhões do IRC e transferi-los para o IRS?

Na verdade, como todos sabemos, o choque de competitividade que o IRC iria produzir, traduzir-se-ia em algo muito difuso: maior remuneração para sócios e acionistas, boa parte deles de fora de Portugal. Ao contrário, um duplo choque no IRS talvez deixasse os portugueses a respirar melhor neste crítico momento. A subida dos juros e da inflação destruiu imensas poupanças de quem tem de pagar o custo da casa. Ora, feitas as contas, e embuste por embuste, que ganhe o IRS.

Jornalista

A Tesla entregou 387 mil carros elétricos em todo o mundo no primeiro trimestre deste ano.

PHILIP CHEUNG/THE NEW YORK TIMES

Terá a Tesla atingido o pico?

CRISE? Ao anúncio da queda de 8,5% nas vendas no primeiro trimestre do ano seguiu-se a notícia do despedimento de 15 mil funcionários da empresa de Elon Musk, que também tem assistido a uma forte desvalorização do preço das ações. Ainda assim, continua a ser o maior fabricante mundial de veículos elétricos.

TEXTO **DAVID GELLES,** *THE NEW YORK TIMES*

A Tesla está numa má situação. A maior fabricante de automóveis elétricos do mundo disse na segunda-feira aos funcionários que iria demitir mais de 10% da sua força de trabalho (cerca de 15 mil pessoas) e dois executivos seniores informaram que estavam de saída.

No início deste mês, a empresa anunciou uma redução impressionante nas vendas, entregando 387 mil carros em todo o mundo no primeiro trimestre, uma queda de 8,5% em relação ao mesmo período do ano passado. As ações caíram mais de 35% este ano, incluindo uma queda de 5,5% na segunda-feira. Elon Musk, CEO da Tesla, parece estranhamente desinteressado dos percalços da empresa e mais preocupado com outras atividades.

A Tesla ainda é a maior fabricante de veículos elétricos (VE), com o crédito de ter criado quase sozinha o setor. A indústria seguiu o caminho traçado pela organização. Contudo, num período de tempo notavelmente curto, o negócio dos veículos elétricos parece ter-se desvinculado da Tesla.

Todos os fabricantes americanos, coreanos, chineses e europeus possuem linhas de produtos VE grandes e duráveis, com vendas crescentes. A Ford vendeu 20.223 veículos elétricos no primeiro trimestre do ano, um aumento de 86% em relação ao ano anterior, tornando-se a segunda marca de veículos elétricos mais vendida nos EUA.

A BMW disse que entregou 82.700 carros totalmente elétricos em todo o mundo nos primeiros três meses do ano, um aumento acentuado em relação ao ano anterior. E na China, onde Musk ajudou a estabelecer o mercado para veículos elétricos e a experiência para os produzir, a Tesla está a perder vantagem sobre os concorrentes chineses.

Nos últimos meses, as vendas totais de VE diminuíram um pouco, mas os analistas esperam que a longo prazo continuem a aumentar. A eliminação progressiva dos carros movidos a gasolina é uma forma eficaz e relativamente fácil de reduzir as emissões que provocam o aquecimento do planeta. Os desenvolvimentos das políticas em todo o mundo tornam quase certo que a maioria dos grandes fabricantes de automóveis apostará tudo nos VE nos próximos anos. "Os desafios para qualquer empresa em particular, seja a Tesla ou outra, não significam desgraça e pessimismo para a indústria de VE em geral", disse Pete Slowik, do Conselho Internacional para Transportes Limpos. "Estamos num ponto onde esta transição é real e temos um impulso significativo de todos os fabricantes globais."

Os infortúnios da Tesla

A Tesla foi a primeira fabricante a provar que havia mercado para VE. Isso ajudou a torná-la a empresa automobilística mais valiosa do mundo e levou os fabricantes tradicionais a entrar no mercado dos VE. Ultimamente, porém, a empresa tem sido lenta na inovação. Há anos que não lança um carro novo e supostamente cancelou os planos para um modelo de baixo custo perante a concorrência crescente. O lançamento do Cybertruck foi marcado por problemas. Um modo de condução totalmente autónomo, há muito prometido, permanece indefinido. Musk, que também é CEO da empresa espacial SpaceX e proprietário da plataforma de redes sociais X, alienou muitos consumidores com o seu comportamento polarizador.

> A participação da Tesla no mercado de vendas de veículos elétricos nos Estados Unidos está agora nos 51%, abaixo dos 65% de há dois anos.

A participação da Tesla no mercado das vendas de VE nos Estados Unidos está agora nos 51%, abaixo dos 65% de há dois anos.

Há muitos fatores em jogo, mas na raiz dos problemas da empresa está o inconstante Musk, que entrevistei numa conversa surreal em 2018, durante os piores momentos dos problemas de produção do Modelo 3. Musk é um empresário que sempre sofreu grandes oscilações. Hoje em dia está a evitar a estratégia tradicional dos fabricantes de oferecer atualizações graduais todos os anos e introduzir alguns modelos novos a cada década. Em vez disso, aposta em grandes inovações, incluindo o Cybertruck e especialmente o modo de condução autónoma, para reavivar a Tesla.

"Atualmente ele só parece interessado em fotos de Marte", disse o meu colega Jack Ewing, que tem conversado com fontes que estão a par do que está a acontecer dentro da Tesla. "Ele parece entediado com a ideia de lançar um Modelo 3 atualizado."

Essa estratégia pode apelar às ambições de conquista mundial de Musk, mas não é uma fórmula vencedora no negócio automóvel, que é impulsionado por atualizações incrementais e pela introdução regular de novos modelos.

A Tesla, que não possui departamento de relações com a comunicação social, não respondeu a um pedido de comentário.

Aceleração

As recentes mudanças de políticas tornam praticamente certo que o mercado de VE continuará a crescer. No mês passado, a Administração Biden implementou regras que forçarão efetivamente os fabricantes de automóveis a produzir a maioria dos novos modelos de passageiros e camiões ligeiros vendidos nos EUA totalmente elétricos ou híbridos até 2032. Os VE representam atualmente apenas 7,6% das vendas de automóveis novos nos EUA.

Na Europa, na China e noutros países em todo o mundo, os governos introduziram políticas destinadas a estimular a adoção e produção de VE. Além do mais, os VE vão ficar muito melhores, e em breve espera-se que as baterias fiquem mais leves e potentes, a autonomia vai melhorar e os preços provavelmente cairão.

Esses avanços tornarão mais fácil do que nunca novas empresas ganharem participação de mercado, especialmente se a Tesla não estiver a acompanhar as características mais recentes ou a introduzir novos modelos.

Mas a Tesla não irá desaparecer tão cedo. Continua a ser o maior vendedor de VE nos EUA e vale 10 vezes mais do que a Ford. Todos os principais fabricantes de automóveis norte-americanos concordaram em adotar o padrão de carregamento da Tesla e esta não deu qualquer sinal de que está a abrandar a produção de carregadores.

No entanto, sem uma nova explosão de inovação, sejam novos modelos, maior autonomia, novas funcionalidades ou preços radicalmente mais baixos, a Tesla correrá o risco de ficar para trás na indústria que ajudou a criar.

Texto originalmente publicado no The New York Times.

"A IA não tem nada a ver com inteligência"

TECNOLOGIA O professor de Informática que há 40 anos criou a estratégia de desenvolvimento de *software* Design by Contract, que ainda hoje é utilizada, esteve em Lisboa para a maior conferência do mundo da especialidade e conversou com o DN sobre inteligência artificial – em especial sobre as suas limitações.

TEXTO **RICARDO SIMÕES FERREIRA**

Há palavras e expressões que mudam de significado com o tempo, mesmo em poucas décadas. Apesar de a tecnologia ser, na perspetiva da História, algo extremamente recente, inteligência artificial no início significava coisa diferente dos sistemas que hoje invadem todo o nosso dia a dia.

"IA é um termo que foi criado por John McCarthy na Universidade de Stanford" nos anos 50, lembra ao DN Bertrand Meyer. "E tinha a ver com raciocínio lógico: fazer um enorme esforço para codificar regras lógicas na máquina. Falhou miseravelmente."

Isto porque "a vida é demasiado complexa", continua o professor e engenheiro informático francês, que em 1985 criou a estratégia de desenvolvimento de *software* Design by Contract, que ainda hoje é utilizada, bem como a linguagem de programação Eiffel. "Era a abordagem correta, mas falhou. O mundo é demasiado complexo para reduzir a regras."

Esta era a velha IA. A IA atual "usa a mesma expressão, mas é toda uma nova tecnologia, que absolutamente nada tem a ver com a outra. Até o nome é um erro. Não tem nada a ver com inteligência. Na realidade, devia chamar-se *Machine Learning* por análise estatística em larga escala ou algo parecido".

Isto porque o que as IA atuais fazem é precisamente isso: analisam estatísticas, frequências, em enormes bases de dados – quanto maiores, melhores os resultados – e respondem de acordo com essas contabilidades.

"Tudo é possível através de análise estatística",como explica Bertrand Meyer. "O que [estes sistemas] fazem é muito impressionante, fantástico, mas na realidade não há aqui nada de novo: é álgebra linear, do século XIX, e, claro, com toda a informação da Web: o facto de terem acesso a biliões e biliões de dados dá-lhes a possibilidade de obterem as respostas para velhas questões. Mas devemos sempre lembrar-nos que eles estão sempre a reproduzir padrões estatísticos que já funcionaram no passado. Nenhum destes sistemas está a fazer pensamento lógico."

Bertrand Meyer esteve em Lisboa na 46.ª International Conference on Software Engineering.

CPLEVENTS/RUIELIAS2024

Esta realidade tem consequências profundas a todos os níveis. Desde logo explica por que razão as IA, "de vez em quando, entram em alucinação, como vulgarmente se diz". Depois, como qualquer cientista poderá assegurar, esta é a garantia de que nunca serão capazes de "ganhar consciência" e tomar conta do mundo...

Mas também, demonstra Bertrand Meyer, resultam em péssimas máquinas capazes de escrever código... máquina.

Incapazes de escrever na perfeição

O engenheiro informático voltou a fazer enormes ondas entre os pares há cerca de um ano quando declarou – e exemplificou – como o ChatGPT não é capaz de fazer programação de forma eficiente. E enquanto seguirem o atual modelo nunca será, sustenta.

Em Lisboa esta semana para a 46.ª edição da International Conference on Software Engineering, um dos mais importantes encontros mundiais de especialistas do ramo, que decorreu no Centro Cultural de Belém – onde concedeu a entrevista ao DN –, Meyer fez parte de um painel em que se discutiu por que os sistemas de IA são mais bem utilizados para apanhar *bugs* de programação do que para criar código original.

"Há, obviamente, áreas em que os modelos de IA generativa [como o ChatGPT] são fantásticos. A tradução automática, por exemplo, que se pensava ser impossível, está hoje quase perfeita. Ou na análise de radiografias, em que os sistemas são capazes de encontrar desvios que por vezes um ser humano não encontra." Mas as coisas são diferentes quando toca a escrever código. É que este "tem mesmo de ser perfeito, lógico". E isso os LLM – Large Language Modules, que são a base da IA, não conseguem fazer. "Eles não são ferramentas de lógica, são ferramentas de linguagem, e essa é a sua limitação fundamental", afirma Meyer.

O professor e programador francês reitera hoje aquilo que disse e escreveu há um ano: os LLM (como o ChatGPT e outros) não são verdadeiramente capazes de criar programas informáticos originais genuínos, tentam fazer *copy paste* de códigos que encontram noutros lados tentando o resultado pedido. O resultado é código com muitas falhas (*bugs*) que acaba por se tornar inutilizável.

"Fiz essa demonstração porque a ciência e a tecnologia avançam essencialmente através da negativa – pela negação. É o método socrático. É através da negação da ideia inicial que é possível haver evolução", explica ao DN o cientista. "Hoje começa a criar-se a ideia de que a programação em breve já não será necessária, que as LLM vão fazer tudo sozinhas... Lembro-me do tempo em que as pessoas, na Suíça, diziam aos filhos que não valia a pena aprenderem Engenharia Informática porque todos os empregos bem pagos iam para Bangalore. Claro que isso não aconteceu. Hoje corremos o mesmo risco!"

Meyer não menospreza o valor da IA enquanto ferramenta de trabalho para os programadores, mas enquanto auxiliares, em especial "para caçar *bugs*, testar o *software*". Até porque, mesmo que a IA "dê falsos positivos" – ou seja, encontre erros onde eles não existem –, mais vale isso do que não encontrar os erros que de facto existem".

Já quanto a escrever na perfeição, os imperfeitos seres humanos continuam a ser melhores do que qualquer máquina. Desde logo porque têm a capacidade de olhar para trás e ver que não o fizeram corretamente – e corrigir. E depois porque fazem aquilo que nenhuma máquina é, de facto, capaz de fazer: ser criativos.

Aumentam acidentes com tratores e máquinas agrícolas

A Guarda Nacional Republicana (GNR) alertou para a necessidade de cumprir as regras de segurança na circulação de tratores e máquinas agrícolas, dando conta de um aumento de acidentes no ano passado a nível nacional. Em comunicado, a GNR indicou que, em 2023, houve 480 acidentes rodoviários com veículos agrícolas (439 em 2022), que resultaram em 12 mortos, 23 feridos graves e 172 feridos leves. Este ano, até 29 de fevereiro, já tinham sido registados 21 acidentes, mas sem vítimas mortais.

"Atendendo ao número de acidentes que envolvem tratores e máquinas agrícolas registados na área de responsabilidade da Guarda nos anos de 2021 a 2024, em particular os da última semana, torna-se imperativo aconselhar para o cumprimento das regras de segurança deste tipo de veículos, pelo que a GNR irá continuar a realizar ações de sensibilização."

Segundo a Guarda, "uma das principais causas para a sinistralidade no domínio da atividade agrícola ou relacionada aponta para a idade avançada do agricultor", sendo que a isso se alia "a necessidade de as tarefas agrícolas terem de ser realizadas em intervalos reduzidos de tempo, agravando o cansaço físico próprio de uma atividade fisicamente exigente". Outra das causas passa pelo "excesso de confiança a operar máquinas, que, para todos os efeitos, são perigosas, e, por vezes, decorrem da falta de formação para o seu manuseamento". Mais de 50% "dos tratores não dispõem de estruturas de proteção, sejam elas arcos ou cabines, acessórios importantíssimos para a segurança do trabalhador", alertou.

A GNR lembrou ainda que "os tratores e máquinas agrícolas ou florestais e as máquinas industriais estão agora obrigados a possuir avisadores luminosos especiais (rotativo, de cor amarela)".

DN/LUSA

DIANA QUINTELA/GLOBAL IMAGENS

No ano passado, foi vendido um imóvel em Lisboa por 5,3 milhões de euros.

Imóveis penhorados geraram 3,5 mil milhões de euros em oito anos

DÍVIDAS Credores garantiram a venda de mais de 42 mil bens desde a entrada em operação do portal e-leilões. É menos de metade do total de ativos que foram anunciados na plataforma.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

Casas, prédios e terrenos são de longe os ativos mais vendidos no portal e-leilões, lançado em abril de 2016 para agilizar a alienação de bens penhorados em processos de execução de dívidas. Desde a entrada em operação desta plataforma eletrónica e até agora, foram adquiridos 33.134 imóveis, que garantiram aos credores a recuperação de 3524 milhões de euros. Estes ativos são o grande motor do e-leilões. É que numa situação de incumprimento de um crédito à habitação e sucedendo a execução, o bem que responde em primeiro lugar é o imóvel. A penhora incide sempre no artigo dado como garantia, seja qual for o valor da dívida.

Os dados da Ordem dos Solicitadores e Agentes de Execução (OSAE), gestora da plataforma, revelam que, nestes oito anos, os leilões eletrónicos geraram um total de 3590 milhões de euros de volume de vendas. Foram licitados 119.849 bens, mas só pouco mais de um terço, precisamente 42.245, tiveram comprador. Depois dos imóveis, são os direitos (créditos, quotas, heranças) o segundo ativo que desperta mais interessados, tendo já gerado 36,3 milhões de euros a venda de 1451 destes bens. Segundo o bastonário da OSAE, Paulo Teixeira, "em direitos somos o número 1 da Europa". Seguem-se os veículos, que garantiram 19,7 milhões, os equipamentos (6,3 milhões), o mobiliário (1,8 milhões) e as máquinas (1,7 milhões).

No ano passado, o número de bens submetidos a leilão apresentou um decréscimo de 16% face a 2022, para 13.592. O volume de vendas desceu 22%, totalizando 409 milhões de euros, com a tomada de 4635 ativos. Desde que o portal eletrónico entrou em velocidade de cruzeiro que não registava uma tão baixa atividade. Este quadro deve-se à introdução, a partir de março de 2020, devido à crise pandémica, de "medidas legislativas que visaram proteger a casa de morada de família", justifica Paulo Teixeira. Essas normas "fizeram diminuir o número de ações executivas hipotecárias" e, por isso, originaram "menos penhoras e, consequentemente, menos vendas", diz. Em 2023 foram comprados através do e-leilões 3207 imóveis, o volume mais baixo alguma vez registado num exercício completo do portal. Tanto em 2018 como em 2019, o número de ativos imobiliários vendidos ultrapassou os seis mil. Em contrapartida, aponta, verificou-se "um aumento no número de viaturas adquiridas", aliás para um patamar nunca antes alcançado no e-leilões, tendo sido alienadas 658. O bem que atingiu o valor mais elevado foi um imóvel situado na Rua de São Paulo, 206 a 216, e Rua da Bica Grande, 2, que acabou adquirido por 5,3 milhões de euros. Mas, como realça Paulo Teixeira, no e-leilões "vende-se de tudo". E a todos os preços. No ano passado foi adquirida uma marca proveniente da insolvência de uma empresa por 1,11 euros.

VENDAS NO E-LEILÕES

Ano	Bens submetidos	Bens vendidos	Valor de vendas
2016	2444	824	73,4
2017	11.344	4330	371,8
2018	19.603	7439	586,4
2019	19.883	7312	612,0
2020	16.937	5291	420,1
2021	15.455	5685	516,1
2022	16.147	5849	527,1
2023	13.592	4635	409,0
2024*	4126	880	74,8

* Até abril.
Em milhões de euros **Fonte:** Ordem dos Solicitadores e Agentes de Execução.

Fim das proteções

Entretanto, em julho do ano passado a Lei n.º 31/2023 "determinou, de forma expressa, a cessação de vigência de leis publicadas no âmbito da pandemia da doença covid-19 em razão de caducidade, de revogação tácita anterior ou de revogação por esta lei", lembra o bastonário. A perda destas proteções pode levar a um aumento no médio prazo dos processos de execução de dívidas. A difícil conjuntura, marcada pelo aumento do custo de vida e pelas elevadas taxas de juro cobradas pelos bancos, poderá conduzir muitas famílias e também empresas a situações de incumprimento das suas obrigações. Há dias, o Banco de Portugal (BdP) revelou que em 2023 mais de meio milhão de agregados familiares com crédito à habitação estavam em risco de não conseguir pagar a prestação mensal. Os bancos reportaram o início de 123.400 processos mensais (em média) no âmbito do Plano de Ação para o Risco de Incumprimento. No crédito ao consumo a situação não é melhor. Segundo o BdP, foram abertos mais de dois milhões de processos.

Nas empresas, o quadro também não é animador, No ano passado as insolvências aumentaram 18% face a 2022, divulgou a Informa D&B. Segundo a consultora, "este crescimento segue-se a dois anos com valores anormalmente baixos neste indicador e que refletiram o efeito de muitas das medidas de apoio iniciadas no período pandémico". O setor da indústria foi o que registou o maior número de processos de insolvência em 2023, apresentando uma subida de 47%. Por sua vez, a seguradora Cosec revelou que no primeiro trimestre deste ano o número de empresas insolventes em Portugal cresceu 19,5% quando comparado com o período homólogo.

A criação do e-leilões visou o estabelecimento de "um sistema de cobrança de dívidas célere e eficaz, para que, quando fosse necessário fazê-lo pela via judicial, se contrariasse a tendência apontada por diversos relatórios internacionais quanto ao atraso nos pagamentos e dos efeitos nocivos para a economia", afirma Paulo Teixeira. Na sua opinião, o portal eletrónico assegurou vantagens como a transparência dos processos, o baixo custo das operações, assim como possibilitou a introdução de mecanismos para incrementar a valorização dos bens, beneficiando os interessados na compra e também o executado, que "vê assim os seus bens a serem vendidos por um preço mais justo e adequado aos valores de mercado".

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

FMI exclui "correção repentina" dos preços das casas em Portugal

ECONOMIA Valor dos imóveis residenciais cresceu 111% em Portugal desde 2015, bem acima dos 42% na Zona Euro. A "escassez de oferta" explica a subida, diz diretor do Fundo para a Europa.

A correção nos preços da habitação em Portugal não será repentina e é preciso aumentar a oferta para responder a uma dificuldade que é transversal a outros países, defende o diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI) para a Europa. Em entrevista à agência Lusa, Alfred Kammer diz que Portugal registou aumentos significativos nos preços das casas nos últimos anos, mas assinala que é um cenário que se estende a outras economias.

"Os preços das casas [em Portugal] aumentaram, dos níveis de 2015 até agora, em 111%, contra 42% na Zona Euro. É um aumento muito maior", sublinha, acrescentando que se assiste a um abrandamento nos preços da habitação na média dos países da moeda única, mas que isso ainda não se verifica em terras lusas. "Em Portugal, os preços residenciais ainda continuam a aumentar."

No entanto, aponta Alfred Kammer, o FMI não está preocupado com o impacto destas subidas na "estabilidade financeira". Para o responsável do FMI, este aumento resulta de "uma escassez de oferta", pelo que a instituição não espera "uma correção repentina nos preços da habitação residencial".

"Esta é uma grande questão não só em Portugal, mas em vários países europeus. É uma questão de acessibilidade da habitação e, portanto, o que é preciso é criar o espaço regulatório e aumentar a oferta. O que o governo também está a fazer é ter investimento público para criar habitação social", afirma. Segundo ele, "estas são duas boas respostas políticas e devem ser prosseguidas".

"Tínhamos feito um estudo sobre a questão da acessibilidade dos preços da habitação e dos arrendamentos há alguns anos e uma das grandes questões que daí resultou foi que não se trata apenas de uma questão de política social. É também uma questão de produtividade e de crescimento", disse, argumentando que os centros de produtividade geralmente estão nos centros urbanos, para onde se deslocam os jovens.

"Se não houver habitação, não podem deslocar-se para os centros urbanos, e isso prejudica a produtividade e o crescimento do país. Portanto, é uma questão muito maior do que apenas uma questão de equidade e justiça", justificou.

Na mesma entrevista, o diretor do FMI para a Europa elogia a evolução da economia portuguesa e recomenda uma reforma fiscal abrangente, avisando que incertezas, sejam políticas ou externas, têm sempre impacto no investimento.

Questionado sobre se um governo minoritário pode ser um risco para as perspetivas económicas portuguesas, Alfred Kammer admite que "a incerteza é sempre algo negativo" e deve-se "tentar reduzi-la" tanto quanto possível. "Sempre que há um aumento de incerteza, de onde quer que venha, há um impacto, nomeadamente no investimento, por causa das perspetivas. Isso é um problema e não importa se vem de um governo minoritário, ou da perceção de uma mudança nas políticas, ou se vem de uma elevada incerteza externa, incluindo de uma fragmentação geoeconómica."

No entanto, Alfred Kammer destaca que "Portugal teve um crescimento muito forte nos últimos anos", apesar do abrandamento previsto para este ano, mas ainda assim acima da Zona Euro. "O que estamos a assistir são os efeitos da política monetária europeia, que estão a deprimir a procura, mas também a diminuir a procura externa, mas o crescimento foi bastante forte e bastante robusto ao longo dos últimos anos", assinala.

O FMI reviu em alta o crescimento económico de Portugal para 1,7% este ano, mostrando-se ligeiramente mais otimista do que o governo (1,5% num cenário de políticas invariantes), e cortou a taxa de inflação para 2,2%, segundo as previsões divulgadas esta semana.

> "Portugal fez um trabalho excecionalmente bom na redução da dívida pública ao longo da última década. É um dos rácios dívida/PIB com o declínio mais rápido na Europa após a pandemia, ao ter caído de 135% para 99% do PIB."

Alfred Kammer, diretor do FMI para a Europa.

"Conquista notável" na dívida pública

No retrato que traça da economia portuguesa, o responsável destaca a trajetória de redução da dívida pública face ao PIB nos últimos anos, tendo-se fixado em 99,1% em 2023. "Portugal fez um trabalho excecionalmente bom na redução da dívida pública ao longo da última década. É um dos rácios dívida/PIB com o declínio mais rápido na Europa após a pandemia, ao ter caído de 135% para 99% do PIB", assegura. E defende a importância desta opção, argumentando que uma dívida elevada cria vulnerabilidades e é "um fardo" quando taxas de juro mais altas sobem o custo do serviço da dívida.

"Foi uma conquista notável e achamos que uma política orçamental prudente deve continuar a ser seguida no futuro", recomenda, defendendo que se devem criar almofadas para despesas públicas adicionais no futuro.

O FMI prevê um excedente orçamental de 0,2% do PIB este ano e um rácio da dívida de 94,7% e de 80,1% em 2028.

DV/LUSA

JACK GUEZ / AFP

Nova manifestação em Telavive contra o "degenerado Bibi" (Netanyahu) e em defesa da libertação dos reféns.

Erdogan recebe líder do Hamas

Numa iniciativa declarada para chamar a atenção de novo para a Faixa de Gaza, o presidente turco recebeu o líder do Hamas em Istambul, enquanto o seu chefe da diplomacia Hakan Fidan recebeu o homólogo egípcio Sameh Shoukry. Numa nota da presidência turca, no final de uma reunião de duas horas e meia com Ismail Haniyeh, afirma-se que Recep Tayyip Erdogan destacou que "a atuação dos palestinianos em uníssono é de importância vital durante este período, que a resposta mais sólida a Israel e o caminho para a vitória passam pela unidade e integridade". Erdogan, que considera o Hamas um movimento de libertação e não uma organização terrorista como a UE, EUA ou Israel, disse também que Israel "pagará um dia o preço das atrocidades que impõe aos palestinianos e que a Turquia continuará a pronunciar-se sobre os massacres em Gaza em todas as ocasiões".

Retaliação israelita foi brincadeira de crianças para Teerão e aviso para Telavive

CONFLITO Israel terá disparado míssil de um avião de combate e destruído sistema de defesa aérea de fabrico russo. Irão desvaloriza e diz que foram apenas drones de uso lúdico.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Em Rafah, um ataque aéreo noturno matou nove palestinianos, seis dos quais crianças; na Cisjordânia, operações do exército israelita fizeram 13 mortos em dois dias; no sul do Líbano, foram pelo menos três os operacionais do Hezbollah liquidados; e no Iraque uma pessoa morreu e oito ficaram feridas numa explosão numa base militar usada por grupos armados pró-iranianos. Enquanto os conflitos em redor de Israel prosseguem, o Irão voltou a mostrar não estar interessado em alimentar uma espiral de violência, ao minimizar a resposta de Telavive, na sexta-feira, como uma "brincadeira de crianças". Porém, o que Israel diz, à boca calada, é bem distinto: foi uma mensagem para a liderança iraniana ter consciência da sua capacidade militar em penetrar as defesas aéreas de Teerão.

"O que aconteceu ontem à noite [sexta-feira] não foi um ataque", disse o ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano, Hossein Amir-Abdollahian, à NBC News, sobre as três explosões ocorridas perto do aeroporto de Isfahan e de uma base militar e não longe da central de enriquecimento de urânio de Natanz. "Foi o voo de dois ou três drones que estão ao nível dos brinquedos que as nossas crianças usam no Irão. Enquanto não houver uma nova aventura em nome do regime israelita contra os interesses do Irão, não responderemos", desvalorizou. Horas antes, o chefe da diplomacia russa Sergei Lavrov, na sequência de contactos com Teerão, já tinha declarado que "o Irão não quer uma escalada".

Como é seu timbre, Israel não confirma oficialmente que as explosões foram da sua responsabilidade. A versão revelada pelo *New York Times* por duas fontes é a de que as forças israelitas utilizaram um míssil de última tecnologia capaz de iludir os sistemas de radar iranianos, numa iniciativa "calibrada para fazer o Irão pensar duas vezes" antes de lançar outro ataque direto a Israel, porque as forças israelitas são capazes de se esquivar e de neutralizar as defesas do Irão. Segundo dois funcionários iranianos, o ataque atingiu um sistema de defesa aérea S-300 de fabrico russo, sendo que o sistema de radares não terá detetado qualquer violação do espaço aéreo, disseram ao *NYT*. O jornal noticiou ainda que o míssil foi disparado por um avião de guerra "longe do espaço aéreo israelita ou iraniano" e fora do espaço aéreo da Jordânia.

> Netanyahu agradeceu em inglês aos EUA pelo pacote de 24,7 mil milhões de euros para minutos depois protestar em hebraico pela notícia de que um batalhão do exército será alvo de sanções dos EUA.

O analista militar da Sky News Sean Bell descreve as capacidades do avião de caça F-35 em chegar perto dos radares antes de ser detetado e uma vez que o seja tem meios eletrónicos para confundir o radar, insinuando desta forma que o ataque terá sido realizado através dessa aeronave de fabrico norte-americano.

Com cada um dos inimigos a salvarem a face perante os seus públicos e aliados, as autoridades iranianas e israelitas dão por encerrado um perigoso capítulo iniciado no dia 1 de abril, em resultado de um ataque a um edifício consular do Irão, anexo à embaixada, e no qual morreram 11 pessoas, sete das quais Guardas da Revolução. A teocracia xiita advertiu que iria punir Israel, o que acabou por acontecer há uma semana, com o lançamento de 330 drones e mísseis diretamente de solo iraniano – um ataque sem precedentes. Enquanto Teerão enalteceu a sua capacidade ofensiva, Telavive obteve uma taxa de sucesso na destruição dos engenhos explosivos de 99%, graças ao seu único sistema de defesa aérea, complementado pela força aérea de países aliados, com os Estados Unidos à cabeça.

O maior aliado de Israel aprovou no sábado um pacote de assistência, com 366 representantes a favor e 58 contra. São 26,4 mil milhões de dólares (24,7 mil milhões de euros), dos quais 9,2 mil milhões para assistência humanitária às populações em sofrimento e o restante para reabastecer e reforçar o armamento das forças israelitas. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu agradeceu a decisão da Câmara dos Representantes e disse que esta "defende a civilização ocidental". Mas minutos depois, o chefe de governo contestado nas ruas criticou a intenção noticiada pelo Axios de os EUA avançarem com sanções contra um batalhão do exército israelita, por violações dos direitos humanos na Cisjordânia ocupada.

cesar.avo@dn.pt

RODRIGO BUENDIA / AFP

"11 vezes não" dizem estudantes contra Noboa e as 11 perguntas do referendo.

Apagões e violência antes de referendo sobre crime

EQUADOR Consulta popular para endurecer combate aos grupos de narcotráfico durante crises de segurança, de energia e diplomática.

Uma tempestade paira sobre o Equador. Além da violência incessante, duas crises sem precedentes, uma diplomática e outra energética, afetam o país cujos eleitores são hoje chamados a um referendo, com o qual o governo pretende alimentar sua guerra contra o narcotráfico. Prova de que o tema está na ordem do dia, nos últimos dias foram assassinados dois presidentes de câmara e o governo incluiu traficantes mexicanos e colombianos numa lista de alvos militares.

Quase 13,6 milhões dos 17,7 milhões de habitantes são chamados a votar sim ou não a 11 questões colocadas pelo presidente, Daniel Noboa. Entre as principais propostas está a extradição de cidadãos nacionais relacionados com o crime organizado, num país onde bandos ligados ao tráfico de drogas impõem um regime de terror. Em janeiro, um ataque deixou cerca de 20 mortos e levou Noboa a declarar conflito armado interno. Militares foram destacados para as prisões e em operações nas ruas para acabar com a violência, que em 2023 registou o recorde de 43 homicídios por 100 mil habitantes, em comparação com seis por 100 mil habitantes em 2018, segundo dados oficiais.

À guerra interna somou-se uma crise internacional, após a incursão policial na embaixada mexicana em Quito, no início de abril, por ordem do presidente, para prender o ex-vice-presidente Jorge Glas, investigado por corrupção. A operação custou ao país uma condenação internacional e uma ação no Tribunal Internacional de Justiça.

A extradição está no centro do debate num país que pede mão de ferro contra os bandos. Na vizinha Colômbia, Pablo Escobar travou uma guerra contra o Estado para evitar a sua prisão nos Estados Unidos, com explosões de carros, sequestros e assassínios de políticos, jornalistas e juízes. Além disso, os equatorianos decidirão sobre a participação dos militares no controlo de armas, aumento das penas para o crime organizado e a possibilidade de forças públicas utilizarem armas apreendidas. Noboa também propôs reconhecer a arbitragem internacional em disputas comerciais e autorizar o trabalho à hora.

> Nos últimos dias foram assassinados dois presidentes de câmara e o governo incluiu traficantes mexicanos e colombianos numa lista de alvos militares.

Há oposição por parte de sindicatos e da poderosa organização indígena Conaie, protagonistas de revoltas que derrubaram três presidentes entre 1997 e 2005. "O país atravessa momentos extremamente difíceis, nos quais sofremos ataques em resposta ao combate contundente que travamos contra o crime organizado", disse o secretário de Comunicação, Roberto Izurieta.

A crise energética provocada por uma seca histórica levou Noboa a decretar estado de emergência por 60 dias, a suspender a jornada de trabalho por dois dias e a determinar cortes de energia de pelo menos 13 horas. Na terça-feira voltou atrás na política para poupar eletricidade e disse que não haveria cortes, mas os apagões acabaram por acontecer nos dias seguintes. "Quiseram arruinar-nos com sabotagem na área elétrica, quiseram arruinar-nos com uma campanha suja e tentaram até com pressão internacional sancionar-nos como país porque estão nervosos", disse Noboa, que se mostrou otimista de que o sim vencerá.

DN/AFP

Imanol Pradales

O candidato do Partido Nacionalista Basco tem a difícil tarefa de manter a hegemonia do partido – nos últimos 45 anos só não governou de 2009 a 2012. Imanol Pradales *(ao centro)* tem o apoio do ex-*lehendakari* Juan José Ibarretxe *(à esquerda)* e do atual, Iñigo Urkullu *(à direita)*, de quem foi aluno. Doutorado em Ciência Polícia e Sociologia, esteve à frente da agência de talentos basca e ocupou vários cargos no Executivo regional de Biscaia. Faz hoje 49 anos.

DR/X/IMANOL PRADALES

DR/X/PELLO OTXANDIANO

Pello Otxandiano

O engenheiro, de 41 anos, doutorado por uma universidade basca e outra sueca, foi o escolhido para liderar a candidatura do Bildu. Pello Otxandiano foi diretor de Programas da aliança da esquerda independentista, tendo antes sido membro da direção do Sortu (um dos partidos herdeiros da ilegalizada Batasuna, considerado o braço político da ETA). Na foto está com Arnaldo Otegi, o líder do Bildu, e a candidata por Biscaia Inma Garrastatxu.

ETA apareceu tarde na campanha que pode dar vitória à esquerda independentista basca

PAÍS BASCO O Bildu, com raízes na ala política do desmantelado grupo terrorista, pode vencer as eleições regionais pela primeira vez. Ainda assim, o Partido Nacionalista Basco deverá poder repetir a coligação com os socialistas e governar.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Os bascos vão hoje às urnas e, pela primeira vez, o Partido Nacionalista Basco (PNV) pode perder as eleições regionais para a esquerda independentista do EH Bildu. Mas isso não significa que esta formação com raízes que vão dar à ETA vá governar o País Basco, com o PNV e os socialistas dispostos a reeditar a atual coligação de governo, apesar de a nível nacional o primeiro-ministro, Pedro Sánchez, também depender do Bildu – o que poderá trazer-lhe problemas. Seja como for, uma eventual vitória do Bildu representará uma mudança de ciclo.

Mais de uma década depois do fim da luta armada da ETA, o terrorismo está longe de ser o foco das preocupações dos eleitores – 12% dos quais chegaram à idade em que podem votar já depois de 2011. E só as declarações polémicas do candidato do Bildu trouxeram o tema para a campanha, não sendo claro o impacto que isso terá na hora de contar os votos. O nível de participação e a mobilização dos indecisos será fundamental.

Quase 1,8 milhões de bascos escolhem hoje entre 14 partidos, mas o foco tem sido nos dois principais, que apostam em rostos novos. O PNV, que nos últimos 45 anos só não governou entre 2009 e 2012, optou por não apostar na reeleição do atual *lehendakari* (o líder do Executivo basco), Iñigo Urkullu, no poder desde dezembro de 2012. O escolhido para liderar a candidatura foi Imanol Pradales, que hoje faz 49 anos e tem um perfil muito parecido com Urkullu.

À esquerda, a aposta foi também na renovação, com o líder do Bildu, Arnaldo Otegi, antigo membro da ETA e da Batasuna, o seu ilegalizado braço político, a decidir não ser candidato. A escolha da aliança de partidos da esquerda *abertzale* foi para Pello Otxandiano, um representante da nova geração sem ligações à ETA. Um político de 41 anos capaz de falar para o eleitorado mais jovem, parte do qual já cresceu sem a ameaça do grupo terrorista e está mais preocupado com os temas sociais, como saúde, habitação ou emprego.

As sondagens apontam para uma eleição renhida entre estas duas formações políticas, sendo que nas últimas pesquisas o Bildu surge à frente. Segundo a sondagem da RTVE, elegeria 29 representantes para o Parlamento basco (mais oito do que atualmente), conquistando mais um do que os nacionalistas (que perderiam três em relação a agora). Isto apesar de o PNV surgir com maior percentagem de votos – 34,6%, em empate técnico com o Bildu, com 34,1%.

Alcançar uma maioria de 38 deputados ficaria dependente de outros partidos, com os socialistas a poder ser novamente a chave. As sondagens colocam-nos em terceiro, com 13,3% dos votos e 10 deputados (os mesmos que têm agora). A repetição da coligação com o PNV que existe desde 2016 daria a maioria absoluta, mesmo que esta não seja necessária (para eleger o *lehendakari* basta, à segunda votação, uma maioria simples).

O PP seria a quarta força no Parlamento basco, com 8,3% e sete deputados (mais um do que elegeu em 2020, quando ia coligado com o quase defunto Ciudadanos). A novidade seria a estreia do Sumar (sócio de Sánchez a nível nacional) com um deputado, diante do Podemos, que pode perder todos os seis que tinha. Também a extrema-direita do Vox pode perder o único representante na região.

As polémicas com a ETA

A ETA marcou a campanha para as eleições gerais e municipais de maio, após a denúncia de que as listas do Bildu incluíam 44 condenados por pertencer ou colaborar com o grupo terrorista basco. Mas na campanha para as regionais o tema estava quase ausente, tendo sido argumento apenas do Vox.

A ausência do tema não era de estranhar, já que 13 anos após o fim da ETA o terrorismo ocupa o 39.º lugar nas preocupações dos eleitores bascos. Segundo o barómetro do Centro de Investigações Sociológicas de 1 de abril, a maior preocupação dos bascos é o sistema de saúde, seguindo-se o desemprego.

Apesar do desinteresse basco, o tema acabou por irromper em força a menos de uma semana da ida às urnas, quando Otxandiano recusou qualificar a ETA de "terrorista" numa entrevista à Cadena Ser. Falou apenas num "grupo armado" e disse que fazia parte de um "ciclo político".

O caso ganhou dimensão nacional, com o governo espanhol – que depende do apoio parlamentar do Bildu – a denunciar o "negacionismo" e a falar de "cobardia". O Partido Popular aproveitou a deixa: "Cobardia é apoiar-se nos seus votos." O primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, insistiu na quinta-feira que é preciso "chamar as coisas pelos nomes" e disse que "a ETA foi um grupo terrorista". Recusou, contudo, alterar a relação com os cinco deputados do Bildu no Congresso espanhol, necessários para conseguir uma maioria.

Diante da contestação, e questionado de novo sobre o tema, Otxandiano pediu desculpas às vítimas por "ferir a sua sensibilidade", mas insistiu em não condenar a ETA. Admitiu que um dos setores políticos "que hoje pertence ao Bildu foi um agente de dor no passado", mas explicou que "depois foi parte da solução e que hoje está à disposição para ser agente da reconciliação".

O próprio Bildu, por seu lado, limitou-se a dizer que "felizmente a ETA já não existe" e que esse tema não deve fazer parte da campanha, alegando que só surge em períodos eleitorais para "turvar" o debate, quando este deve decorrer com "calma e tranquilidade". Os eleitores bascos dirão nas urnas se o tema ainda é importante ou não.

susana.f.salvador@dn.pt

1,8 milhões

Eleitores Cerca de 1,8 milhões de bascos são chamados às urnas nas eleições onde se escolhem os 75 membros do Parlamento regional. Nenhum dos partidos deverá ter a maioria.

Análise
Germano Almeida

Desescalar até decidir Rafah

O ataque do Irão a Israel na noite de 13 para 14 de abril mudou quase tudo no Médio Oriente. Não foi só uma "escalada", foi o romper de uma linha vermelha que se julgava não ser ultrapassada tão cedo. Afinal, Teerão pode mesmo atacar diretamente Telavive sem ter de utilizar as suas marionetas mais próximas do território israelita: o Hezbollah no Líbano, os houthis no Iémen, o Hamas em Gaza e na Cisjordânia, milícias xiitas no Iraque.

Chega a ser difícil de compreender a tese, que foi ganhando tração nos últimos dias, de que teria sido um "ataque limitado, quase simbólico", do Irão a Israel: mais de 300 drones e mísseis (balísticos e de cruzeiro) configuraram, na verdade, o maior ataque de vetores aéreos em muitos anos. Nunca a Rússia o conseguiu fazer nesta escala sobre a Ucrânia desde 24 de fevereiro de 2022, por exemplo.

O que fez parecer "só um aviso" aquilo que foi, na verdade, um ataque em grande escala foi, obviamente, a grande capacidade de neutralização israelita e dos seus aliados (EUA, Reino Unido, França e até Jordânia e Arábia Saudita), para lá de uma assinalável falta de eficácia e desempenho de boa parte dos mísseis iranianos.

Depois de 13 de abril, Israel ficou menos isolado, o Irão tornou-se mais ameaçador aos olhos de quase todos. As monarquias árabes sunitas vizinhas ou próximas de Israel puderam reposicionar-se numa via mais alinhada com Telavive e Washington, perante o verdadeiro inimigo comum, que é o Irão.

A Jordânia já fez saber que não se deixará "transformar numa arena de conflito" entre Irão e Israel. A situação da Jordânia mostra que, se houvesse uma guerra regional entre o Irão e Israel, ela nunca seria terrestre. Existe uma distância de dois mil quilómetros, com quatro países pelo meio. A Arábia Saudita voltou a ter uma janela de oportunidade (temporariamente perdida após 7 de outubro e o início da guerra Israel/Hamas em Gaza) de normalizar relações com Telavive, sob patrocínio americano.

Programa nuclear na mira

O Irão teve uma grande derrota estratégica: recolheu ganhos pífios perante tamanho empenhamento e perdeu, de vez, o efeito da "primeira ação".

Ao contrário, Israel ganhou novo fôlego diplomático e até militar: mereceu a defesa dos jordanos e até dos sauditas, reaproximou-se do amigo americano (que se afastava gravemente perante a chacina israelita em Gaza) e pode agora aproveitar o embalo da coligação internacional contra o risco de um Irão nuclear. O 13 de abril mostrou que não é possível acomodar em qualquer cenário diplomático um Irão nuclear – os perigos seriam sempre superiores em relação a qualquer vantagem imaginável.

As sanções que UE, EUA e Reino Unido agravaram sobre o Irão nos últimos dias assim o confirmam.

Primeira retaliação sinaliza vantagem israelita

A retaliação de Israel era inevitável. A dúvida residia no momento, na dose e nos propósitos.

O momento revelou alguma surpresa: indicações de quinta-feira – após reuniões de responsáveis militares, diplomáticos e de segurança de Israel e EUA – apontavam para que o Executivo de Netanyahu se preparava para avançar com uma operação só em maio, depois da Páscoa judaica (a *pessach*, a passagem, que assinala a libertação do povo hebreu da escravidão no Egito há 3500 anos). O efeito surpresa foi usado – e Israel já o tinha aproveitado noutros momentos.

A dose era particularmente relevante. Ora, nesse ponto surge, pelo menos para já, o primeiro sinal positivo: Netanyahu parece estar disposto, nesta fase, a seguir a via da Administração Biden de uma "descalada" para evitar uma guerra regional de dimensões inesperadas e imprevisíveis.

Por fim, os propósitos. Isfahan tem, no seu território, localizadas unidades importantes para o programa nuclear do Irão, incluindo a instalação subterrânea de enriquecimento de urânio de Natanz. Esta é uma unidade que tem sido repetidamente alvo de ataques de sabotagem, que são atribuídos aos israelitas. Nesta aérea visada situa-se também a 8.ª base de caças da Força Aérea do Irão.

Depois de dois momentos de escalada (1 de abril, por parte de Israel em Damasco; 13 de abril, por parte do Irão sobre Israel), a retaliação israelita (apenas a primeira ou a única?) revelou uma redução animadora. Apenas três drones sobre o complexo militar iraniano de Isfahan, certamente obra de Israel, ainda que o regime iraniano aponte para uma suposta execução de forças terceiras (possivelmente a mando de Telavive). Não sabemos se Israel se ficará por aqui – dúvida que não deixa de ser uma vantagem estratégica para Telavive –, mas sabemos que o Irão já fez saber que não pretende retaliar, refugiando-se numa hábil narrativa de que não atribui a Israel o que aconteceu na madrugada de quinta para sexta-feira.

As duas faces da Rússia

A Rússia já está neste conflito, incitando o Irão a lançar o caos no Médio Oriente. Há um interesse claro de Moscovo em afastar as atenções da agressão gravíssima que a Rússia está a fazer na Ucrânia e que tem para nós, europeus, uma consequência que muita gente ainda não percebeu: o desmoronamento da arquitetura europeia enquanto a conhecíamos até 24 de fevereiro de 2022.

A situação no Médio Oriente tem uma perspetiva mais global devido à ameaça nuclear iraniana e ao medo de um conflito alargado. Estamos a falar de uma zona onde está uma boa parte dos combustíveis fósseis, podendo desencadear uma guerra regional, originando uma situação mundial descontrolada no plano dos mercados da energia, por exemplo.

> **Depois de 13 de abril, Israel ficou menos isolado, o Irão tornou-se mais ameaçador aos olhos de quase todos. As monarquias árabes sunitas vizinhas ou próximas de Israel puderam reposicionar-se numa via mais alinhada com Telavive e Washington, perante o verdadeiro inimigo comum, que é o Irão.**

Para já, durante o dia de sexta o barril de *brent* até caiu 0,61%, para 86,58 dólares, após o Exército iraniano dar a entender que não responderia ao ataque de Israel.

Por tudo isto, a Rússia tem claramente interesse em desestabilizar a região. Os Estados Unidos nunca vão deixar Israel sozinho. E o Irão sabe que num cenário de guerra direta iria perder, uma vez que os Estados Unidos e Israel teriam muito mais força.

Os dados parecem lançados. Estarão mesmo?

Um novo equilíbrio pelo terror?

O equilíbrio pelo terror valeu na Guerra Fria, entre os Estados Unidos e a União Soviética, pela dissuasão mútua nuclear. Mas estamos longe de saber se valerá num novo equilíbrio de terror entre o Irão e Israel.

Por enquanto, a única conclusão que podemos tirar é que a noite de 13 para 14 de abril mostrou-nos que o Irão não pode ter uma arma nuclear.

Enquanto isso, Benjamin Netanyahu, que já tinha perdido a face em Gaza, ganha uma nova vida (mais uma). Está a tentar sobreviver politicamente, prolongando as guerras e apelando à união interna perante uma aparente "ameaça existencial multifacetada" sobre Israel (Hamas, Hezbollah, Irão).

E Rafah?

O que muda na situação em Gaza, em especial na preparação da operação terrestre em Rafah?

Não é certo, mas tudo indica que pelo menos haverá um adiamento. A Casa Branca desmente que Biden tenha dado um *free pass* a Netanyahu nos planos para Rafah a troco de uma retaliação mitigada contra o Irão – mas a ligação entre estas duas decisões parece existir.

Até porque o general Lloyd Austin, chefe do Pentágono, reconheceu ao telefone com Gallant, ministro da Defesa israelita, que eliminar a capacidade de o Hamas voltar a ameaçar Israel implicará a concretização da operação em Rafah, "desde que com um plano de proteção dos civis".

Especialista em Política Internacional.

Amorim trava euforias: “Ainda podemos perder o campeonato”

I LIGA Sporting recebe hoje o Vitória de Guimarães em Alvalade. Treinador garante que não vai gerir a equipa a pensar no clássico com o FC Porto. Geny é opção e Matheus Reis fica de fora.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Rúben Amorim igual a si próprio. Por mais que os adeptos já se sintam quase campeões e que as contas indiquem uma folga muito considerável (sete pontos de vantagem para o Benfica a cinco jornadas do fim), o treinador do Sporting rejeita nesta altura qualquer tipo de euforias antecipadas. Ontem, no lançamento do jogo deste domingo com o V. Guimarães (20.30, Sport TV), voltou a pedir foco, concentração e até revelou o que diz diariamente aos jogadores no balneário.

“Nós andámos aqui o ano inteiro a dizer que podíamos ser campeões, mas todos os dias digo aos jogadores que ainda podemos perder o campeonato. O trabalho do treinador é perceber a dinâmica e tentar direcionar para onde queremos que os jogadores pensem. Sempre acreditámos no título, sempre me foquei nisso, neste momento lembro os jogadores de que podemos perder”, disse.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

O Sporting está a oito pontos de garantir o título de campeão nacional.

“Isto não é ter um pensamento negativo, é simplesmente deixar aquela ansiedade positiva para levarmos os jogos a sério e percebermos que tudo é possível no futebol. Vamos ficar convencidos disso quando estivermos no último minuto de jogo e com uma vantagem de dois golos apenas a precisar de um empate. Aí vamos relaxar um bocadinho. Até lá, tudo pode acontecer”, acrescentou.

Amorim pode fazer história e festejar a dobrar (além do campeonato, vai discutir com o FC Porto a Taça de Portugal) – o último treinador a fazê-lo foi Laszlo Bölöni em 2001-02. Mas nem este possível feito retira foco ao treinador: “Sinto que estamos todos perto de fazer algo especial num clube que não costumava ganhar tantos campeonato. Está perto mas ainda não está feito. O grupo, o *staff* e a estrutura têm de saber que estamos a tentar mudar um paradigma e que é importante no futuro que queremos para o clube. Diria que temos noção daquilo que estamos perto de fazer”.

Esta noite o Sporting recebe em Alvalade o Vitória de Guimarães, curiosamente a última equipa que conseguiu vencer os leões na I Liga. Mas Amorim nem precisa deste alerta para estar avisado para o perigo do adversário, que ainda luta pelo terceiro lugar. “O Vitória foi a última equipa que nos ganhou, não a que nos tirou pontos. Sabemos o que representa aquela equipa, juntou-se também um excelente treinador, têm feito excelentes resultados. Estamos preparados. Se o Vitória tem objetivos, nós também temos. Jogamos em casa, vamos ter o público do nosso lado.”

Ainda relativamente ao jogo desta noite, o treinador leonino confirmou as baixas de Adán e Matheus Reis, por lesão, mas confirmou que Geny Catamo é opção. E recusou fazer qualquer tipo de gestão de jogadores em risco de ver amarelos a pensar no jogo de dia 28 com o FC Porto, casos de Marcus Edward e Pedro Gonçalves: “Não vai haver gestão nenhuma, já temos na cabeça o número de pontos que precisamos para sermos campeões. O que tiver de ser relativamente aos amarelos, pensaremos depois.”

> Marcus Edwards e Pedro Gonçalves estão risco de falhar jogo com o FC Porto se virem amarelo, mas treinador garante que não vai poupar nenhum jogador.

O pedido do filho e o Liverpool

O treinador do Sporting, que já disse que até ao final da época não vai mais falar sobre o futuro e comentar as notícias acerca do interesse do Liverpool, fintou ontem uma pergunta feita de forma hábil, quando questionado s costuma fazer as vontades ao seu filho, que lhe pede o título e para ficar? “Em relação aos pedidos do filho, nós, como pais, sabemos que mais importante do que dizer que sim aos filhos, é dizer-lhes que não. Isto não tem nada a ver, mas acho que tem de haver um equilíbrio”, atirou.

O nome de Amorim continua a ser notícia quase diariamente em Inglaterra, sempre associado ao Liverpool. A esse propósito, Steve McManaman, internacional inglês e ex-jogador dos *reds*, referiu ontem que não será fácil fazer esquecer Jurgen Klopp.

“Substituir o carisma do Jürgen, o seu sentido de humor, a forma como conquistou as pessoas de Liverpool... vai ser um trabalho complicado. Sei que o Rúben fala muito bem inglês e isso é ótimo no imediato. Mas em tudo o resto, substituir o Jürgen, será muito difícil para qualquer um”, frisou, lembrando ainda que Amorim “tem uma reputação muito boa em Portugal, ganhou um título com o Sporting e está na luta para conquistar outro este ano”. “O Sporting é um grande clube, mas o Liverpool está a um nível diferente”, rematou.

nuno.fernandes@dn.pt

Conceição aponta ao terceiro lugar

O FC Porto aponta apenas à corrida pelo terceiro lugar da I Liga, face à impossibilidade de vencer o título e à hipótese remota em aceder à Liga dos Campeões, reconheceu ontem o treinador Sérgio Conceição. “Olhar para o terceiro lugar é uma realidade. Mas não nos vamos agarrar ou olhar para a classificação. Neste momento, não vale a pena. Vamos fazer de tudo para ganhar os cinco jogos que nos faltam”, disse.

Sérgio Conceição falava na véspera da visita ao Casa Pia, hoje às 18.00 (SportTV). Arredados da luta pelo título, os dragões podem comprometer esta jornada em definitivo as ténues esperanças de alcançarem o segundo lugar, de acesso às pré-eliminatórias da próxima edição da Liga dos Campeões, caso não batam o Casa Pia.

“Veio-me à cabeça um treinador italiano, que disse algo do género: nunca motivou a sua equipa, porque os jogadores têm de ser capazes de se automotivarem. Nas últimas seis épocas, finalizámos sempre acima dos 80 pontos. Este ano, sobretudo na I Liga, não nos correu tão bem por aquilo que já foi muito badalado. Eles têm de perceber que estão a representar um clube em que há uma base, que tem de estar sempre presente”, alertou.

À procura de quebrar uma série de duas derrotas e um empate no campeonato, série que o FC Porto não vivia há oito anos, Conceição elogiou o Casa Pia, que sofreu apenas um golo nas últimas cinco partidas como visitado. “Não fazem muitos golos, mas também não sofrem. A equipa defende bem, é consistente e, através da sua organização defensiva, tenta explorar aquilo que tem de bom. Como tem jogadores tecnicamente evoluídos, cria dificuldades assim que parte com rapidez para o ataque. Há que ser inteligentes e, face ao pouco espaço que nos vão conceder, entender o que devemos explorar e como suplantar essa boa organização defensiva”, explicou, acrescentando que a equipa precisa de saber “a razão para não ter sido tão forte este ano, sobretudo na reação à perda da bola”.

DN/LUSA

TWITTER DIAMOND LEAGUE

Pichardo, mesmo com problemas físicos, conseguiu vencer a prova ao saltar 17,51 metros.

Pichardo já tem lugar garantido em Paris 2024

JOGOS OLÍMPICOS Triplista conseguiu a marca logo ao primeiro salto e ainda a melhorou no seu regresso no *meeting* de Xiamen, na China.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Pedro Pablo Pichardo garantiu ontem os mínimos no triplo salto para os Jogos Olímpicos Paris 2024, ao saltar 17,38 metros na primeira tentativa no *meeting* de Xiamen, na China, da Liga Diamante. Estão assim desfeitas as dúvidas sobre a presença do triplista na maior competição desportiva do mundo, depois de alguns meses de incógnitas relacionadas com o seu estado físico e problemas que mantém com o Benfica.

O campeão olímpico, que precisava de alcançar ou bater a marca dos 17,22 metros para carimbar presença nos Jogos, fê-lo logo no ensaio inicial e conseguiu um salto que lhe garantiu já a melhor marca pessoal da temporada. Pichardo ainda melhorou a distância ao saltar 17,51 metros no sexto e último ensaio, conquistando assim a vitória na prova e deixando bem longe a concorrência – Fabrice Zango (17,12 m), do Burkina Fasso, e o chinês Su Wen (16,80 m).

Pichardo vai, assim, poder defender na capital francesa o título e ouro conquistados há três anos, na edição Tóquio 2020, quando saltou 17,98 metros, marca que ainda é recorde de Portugal.

"É bom estar de volta. Depois de alguns meses (11) afastado das competições e com a aposentadoria à porta, estou de volta. Obrigado à minha família pelo apoio. A minha mãe, a minha esposa, as minhas filhas, a minha sobrinha, meus amigos, amo-vos muito", assinalou nas redes sociais, deixando ainda agradecimentos à sua equipa, que "sempre acreditou" e lhe deu "forças" para ficar no desporto.

Cumpriu-se aquilo que Jorge Vieira, presidente da Federação Portuguesa de Atletismo, tinha referido há dias, de que o triplista ia conseguir "ao pé-coxinho" mínimos para os Jogos Olímpicos.

Em litígio com o Benfica e com problemas físicos, o campeão olímpico do triplo salto não competia desde 5 de maio de 2023 e ainda não tinha mínimos para os Jogos Olímpicos, mas inscreveu-se para a primeira etapa da Liga de Diamante, em Xiamen, na China, e selou o objetivo com relativa facilidade.

> Pichardo, que não competia desde 5 de maio de 2023, inscreveu-se para a primeira etapa da Liga de Diamante e selou o objetivo com facilidade.

Em representação da seleção portuguesa, o atleta do Benfica, de 30 anos, nascido em Santiago de Cuba, foi ainda campeão do Mundo e da Europa, em 2022, duas vezes campeão da Europa em pista coberta, em 2021 e 2023, e vice-campeão mundial em pista coberta, em 2022. Pedro Pablo Pichardo, que representou Cuba até 2015, tem como recorde pessoal no triplo salto a marca de 18,08 metros, conseguidos em 28 de maio de 2015 em Havana.

No atletismo, junta-se na equipa lusa, agora composta por nove atletas, a Pedro Buaró (salto com vara), Samuel Barata e Susana Godinho (maratona), Isaac Nader (1500 metros), João Coelho (400 metros), Auriol Dongmo (peso), Ana Cabecinha (20 quilómetros marcha) e Irina Rodrigues (disco). No total, e com o apuramento de Pichardo, Portugal já tem 41 atletas para Paris 2024. Mas os responsáveis da missão portuguesa acreditam que até aos Jogos Olímpicos este número de atletas vai ainda subir consideravelmente. **Com LUSA**

nuno.fernandes@dn.pt

Real Madrid-Barcelona. O título passa hoje pelo maior clássico do mundo

LIGA ESPANHOLA Em caso de vitória esta noite, equipa de Ancelotti fica com 11 pontos de avanço e sentencia praticamente o campeonato.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Real Madrid e Barcelona chegam ao clássico de hoje (20h00, Eleven Sports) no Bernabéu com sentimentos diferentes. Os *blancos* na liderança do campeonato e motivados pela passagem às meias-finais da Champions a meio da semana, após baterem o City; os *culés* a fazer contas e ainda a sarar as feridas da eliminação diante do PSG. Estados de espírito à parte, o jogo deste domingo pode ser decisivo para as contas do título.

As contas são muito simples. O Real Madrid é líder da Liga espanhola, com 78 pontos, mais oito do que o rival da Catalunha. Uma vitória deixará por isso os *blancos* com uma margem confortável de 11 pontos e praticamente com o título no bolso. O empate também é um bom resultado para a equipa de Carlo Ancelotti, mas uma derrota pode relançar de alguma forma o campeonato, pois a diferença é encurtada para cinco pontos.

Há vários dados que jogam a favor do Real Madrid. Não só porque é líder e tem uma margem confortável, mas porque a equipa a jogar em casa tem sido uma autêntica fortaleza. Esta época ainda não perdeu qualquer jogo na qualidade de visitada e a última derrota aconteceu há mais de um ano – a 8 de abril, por 2-3, na receção ao Villarreal.

Mas aquele que é considerado o maior clássico do mundo (há quem defenda que é o River-Boca da Argentina), que tem uma história centenária recheada de glórias, tristezas e polémicas (quem não se lembra da cabeça de leitão atirada a Figo), é um duelo de resultado imprevisível. Prova disso é o facto de o Barcelona nas últimas 10 visitas ao rival ter ganho cinco – o Real venceu outras cinco. O último triunfo dos *blaugrana* na capital espanhola aconteceu na penúltima visita (março de 2023), nas meias-finais da Taça do Rei, com um golo de Militão na própria baliza.

Esta rivalidade entre os dois maiores clubes de Espanha vem desde sempre e extravasa o campo desportivo, tendo sempre existido um sentimento regionalista e de cariz político nesta disputa, relacionada com o facto de o Real ter sido sempre um clube associado à realeza e ao poder centralizador, enquanto o Barcelona representa o povo catalão e o desejo de independência. Algo que ainda hoje se sente.

Os tempos mudam, mas a gentileza deve resistir.

Ewan McGregor é o *gentleman* dos *gentlemen*

STREAMING O ator escocês esmera-se na pele de um aristocrata russo que escapa à morte, no fim do czarismo, ficando em prisão domiciliária num hotel de luxo. Eis o protagonista de *Um Gentleman em Moscovo*, série baseada no êxito literário de Amor Towles, em estreia na SkyShowtime.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Um dia, as chamadas séries de "domingo à tarde" vão tornar-se obsoletas, se é que não o são já. Que séries? Aquelas que não têm um particular tom político, que não tentam inventar a pólvora, que só querem dar ao espectador uma sensação de familiaridade e conforto, sem os laivos da excentricidade da moda. Numa palavra, séries inofensivas, que aquecem e não arrefecem. Séries que, cumprindo o seu propósito, mostram uma compreensão artesanal dos *clichés* – aí importa acarinhá-las. Acarinhemos, portanto, *Um Gentleman em Moscovo*, acabada de chegar à SkyShowtime, adaptação do *best-seller* homónimo de Amor Towles, que traz Ewan McGregor no papel principal, certamente uma personagem que entrará para a galeria das suas melhores interpretações. Personagem que representa, ela própria, um modelo obsoleto na Rússia da Revolução Bolchevique: é um aristocrata e, nessa qualidade de espécime da elite russa à época, tinha como destino quase certo ser fuzilado... não se desse o caso incrível de ter escrito um poema de simpatias revolucionárias nos tempos de juventude. Quem diria...

A série de oito episódios, criada por Ben Vanstone (com provas dadas como *showrunner* de outro "conforto televisivo", *O Veterinário de Província*), começa exatamente no tribunal bolchevique onde Aleksandr Ilitch Rostov, poupado à morte em virtude desse inaudito poema, fica a conhecer a sua sentença, resultante de um conflito de forças entre os bolcheviques moderados e a fação intransigente. A saber: Rostov, mais conhecido por "Conde", deverá passar o resto dos seus dias na prisão... que é um hotel de luxo em Moscovo chamado Metropol. Com um pequeno transtorno: se puser um pezinho que seja fora do estabelecimento prisional improvisado, é executado na hora.

> Um *Gentleman em Moscovo*, acabada de chegar à SkyShowtime, adaptação do *best-seller* homónimo de Amor Towles, traz Ewan McGregor no papel principal.

Estamos no ano de 1921, e neste cenário o Conde limita-se a voltar ao local onde já se encontrava hospedado em estilo de domicílio. O que ele ainda não sabe é que terá de renunciar às suas posses e passar da suíte ostentosa para um quarto de sótão minúsculo e frio, onde receberá ocasionalmente a visita do rosto visível dos seus carcereiros (um indivíduo de origens humildes, carrancudo como uma pedra, que acabará por querer aprender os modos de cavalheiro). As refeições, porém, são gratuitas, assim como não se observam impedimentos à circulação dentro do hotel.

A arte perdida do cavalheirismo

O que é que falta acrescentar? Que o Conde Rostov não será o tipo de personagem arrogante que costuma resultar destes contextos de repentina mudança de estatuto. Aliás, Ewan McGregor sabe lindamente equilibrar a altivez natural do ser habituado a todas as mordomias com o âmago bondoso do homem que gosta de interagir com os outros e é capaz de se adaptar, sem queixas, à melancolia da sua condição de "peça descartada" no progresso social.

Um perfil que parece ter saído intacto do livro de Towles (por cá editado pela Dom Quixote), cuja prosa é uma absoluta delícia. De resto, não tenhamos dúvidas de que qualquer descrição sugestiva da personalidade do Conde encontra perfeito equivalente no que vemos o ator construir com postura refinada: "O Conde era uma espécie de anfitrião"; "orgulhava-se de envergar um casaco bem talhado, mas orgulhava-se ainda mais de saber que a presença de um cavalheiro se fazia anunciar muito melhor pelo seu porte, os seus comentários e os seus modos"; "não tinha feitio para vinganças; não tinha imaginação para epopeias, e decididamente não tinha o ego vaidoso para sonhar com impérios restaurados".

É este o *gentleman* que dá alma ao Hotel Metropol. É ele, de bigode vigoroso e cabelo de cientista maluco, que mantém a chama de uma certa forma de existência, ou pelo menos de uma forma de ser, em vias de extinção. Alguém que sofre delicadamente com a pouca importância dada a uma garrafa de vinho ("ela capta um momento na História!", diz) e observa à sua volta o declínio de instituições como o sentido de honra. Quem com ele entabular conversa, ou algo mais, terá prazer garantido – e são vários os que o fazem no hotel, desde Nina, a criança que se afeiçoa de imediato a esta figura ímpar (e que há de crescer trazendo consigo os sintomas da mudança do país), a Anna Urbanova (interpretada pela própria mulher de McGregor, Mary Elizabeth Winstead), uma atriz que tenta sobreviver no atual regime, constituindo-se o interesse amoroso do Conde; este, como ser benévolo que é, subjugado aos seus caprichos... Entre as personagens femininas, atente-se, no quinto episódio, a uma jovem atriz que cai nas graças do regime de Estaline, roubando as atenções que dantes estavam voltadas para Urbanova – essa atriz surge numa interpretação da portuguesa Inês Pires Tavares e entre ela e Winstead estabelece-se uma breve e interessante influência recíproca.

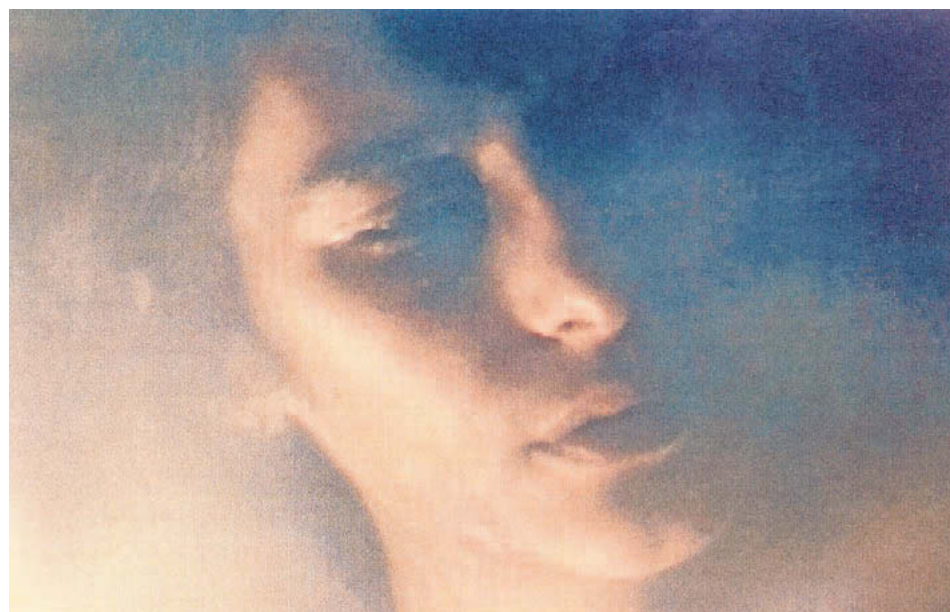
Um Gentleman em Moscovo faz-se da matéria destas e de outras relações, tendo sempre o Conde como ponto luminoso, apesar de não deixar de ser habitado por tormentosos *flashbacks*. Seja como for, não há aqui movimentações bruscas ou grande desvio dos *clichés* que preservam a ordem dos afetos e a suavidade da proposta domingueira. A série procura o charme do livro, o calor que emana do seu protagonista *démodé*, mantendo-o longe da realidade política, mas ciente do mundo cruel que se ergue fora daquelas portas, com a morte a passar nas entrelinhas e os valores humanos a serem atropelados pela força motriz da História. É também, à semelhança do livro – e com a eloquência possível –, um elogio às personalidades que não se adequam aos tempos porque guardam no espírito uma gentileza em desuso. Nota: não confundir com a noção de retrógrada, que recentemente voltou a entrar no discurso mediático.

Entre as imagens
João Lopes

As casas em que mal vivemos

1 Herdeiros que somos da violência prática e simbólica da censura, vivemos agora no interior deste ecumenismo narrativo que a democracia gerou. Democraticamente, claro, com a bênção do triste naturalismo televisivo que quase ninguém arrisca questionar. Como pano de fundo, entende-se que representar o mundo à nossa volta é acumular informações "objetivas", que desembocam quase sempre numa leitura determinista e redentora – tudo acontece para "ilustrar" um sentido das coisas que, afinal, conhecíamos antecipadamente.

2 A política, a história e o quotidiano estão agora codificados pela mesma estreiteza mental que começou por parasitar as artes. Releia-se Susan Sontag: "Hoje vivemos numa época em que o projeto de interpretação é geralmente reacionário, sufocante. Como o escape do automóvel e da indústria pesada que inquinam a atmosfera urbana, as emanações das interpretações da arte são hoje venenosas para as nossas sensibilidades." Enfim, as palavras de Sontag são de 1964 (*Contra a Interpretação e Outros Ensaios*, ed. Gótica, 2004). Seria simplista transpô-las automaticamente para o nosso presente. Mas há uma questão que se renova: como lidar com as representações que invadem a nossa perceção? Imagens e sons, portanto – sempre.

3 Nos últimos meses, três livros editados em 2023 têm-me ajudado nesta renovada interrogação do que vemos e ouvimos. O primeiro, *Habitar o Tempo: Júlio Alves na* Maison Cinéma *de Pedro Costa* (ed. The Stone and the Plot), não será um livro em sentido corrente. Trata-se da edição em DVD de quatro filmes de Júlio Alves – talvez possamos dizer "ensaios videográficos" –, que, direta ou indiretamente, percorrem recantos da obra de Pedro Costa, citando *Casa de Lava* (1994), *Ossos* (1997), *No Quarto da Vanda* (2000), *Juventude em Marcha* (2006), *Sweet Exorcist* (2012) ou *Cavalo Dinheiro* (2014). O livro/DVD é apresentado por um texto de Luís Mendonça, que, de forma rigorosa e envolvente, sublinha essa condição do cinema como uma forma (de muitas formas) de habitar as casas do nosso viver – atrevo-me a dizer: do nosso "viver mal" e "mal viver", apropriando-me dos títulos do recente díptico de João Canijo. Aí encontramos a sugestiva memória de um texto de Serge Daney sobre Nicholas Ray (*Fúria de Viver*, etc.), descrevendo o cinema como uma "casa para imagens", quer dizer, imagens "que não mais têm um lar".

***No Quarto da Vanda* (2000), de Pedro Costa: numa casa portuguesa**

4 Daí a sensação (ia a escrever a certeza…) de que o cinema não está condenado a aceitar o primarismo televisivo segundo o qual uma imagem se esgota na reprodução de uma "coisa" transparente e definitiva. O cinema existe como forma de inventariar as casas que habitamos, as que abandonámos e também as que se tornaram inabitáveis – em oposição às casas das telenovelas, que não existem a não ser como cenários automáticos e automatizados, sempre iluminados pela mesma luz usada nos noticiários. É também disso que fala o professor e filósofo francês Jacques Rancière numa antologia com um título que relança as imagens e os imaginários das casas: *Pedro Costa – Os Quartos do Cineasta* (ed. Relógio D'Água, tradução de Maria João Madeira).

5 Reagindo aos que acusam Pedro Costa de filmar as Fontainhas à procura do "espetáculo da miséria", Rancière contrapõe a questão humana por excelência. Ou melhor, a verdade ética e estética de um cinema que não desiste do fator humano: "O quarto de Vanda e as ruelas do bairro em demolição são também o teatro de uma atividade incessante – *bricolage* de lugares onde viver, venda de salada ou de flores, tráfico de pássaros ou de colheres roubadas –, nem que seja para pagar a dose diária, são o teatro de uma fala que não é simples lamento, mas também debate para saber se a vida é ou não a que escolhemos."

Como vemos e interpretamos as imagens que nos rodeiam? Eis uma questão de vida e de morte.

6 Tudo isto, enfim, suscita as mais diversas questões sobre o que vemos nos inúmeros ecrãs que povoam o nosso mundo (incluindo as nossas casas). Mais do que isso: a "aceleração" das imagens – observem-se os *spots* promocionais das notícias televisivas – tende a promover a ilusão de que a "velocidade" é uma prova de verdade jornalística. Daí o valor pedagógico de um outro trabalho de Luís Mendonça: o livro *Majestosa Imobilidade* (Edições 70); o seu subtítulo propõe mesmo um regresso às origens do cinema como uma "variação" sobre a quietude da fotografia: *Contributo para uma teoria do fotograma*.

7 De que falamos quando falamos de fotograma? A pergunta justifica-se na sua dimensão mais cândida, já que a nova ideologia televisiva (alheia a tudo o que é imaginação e risco criativo dentro do próprio espaço televisivo) passou a viver no mundo dos *frames*. Aliás, os apóstolos dessa ideologia não sabem que os filmes são… filmados, e não "gravados" (fórmula obscena cúmplice do domínio narrativo das novelas). O livro de Luís Mendonça projeta-nos nessa aventura que as imagens podem conter. Penso, por exemplo, na evocação de Belarmino Fragoso em *Belarmino* (1964) e Claude Brasseur em *O Fio do Horizonte* (1993), referindo as suas parecenças com Fernando Lopes, realizador de ambos os filmes. Não haveria maneira mais depurada de lembrar esse poder sem nome, certamente poético, que faz com que a vida de uma imagem, na imobilidade do fotograma, possa contrariar o movimento invisível da morte.

Jornalista.

Prova de Vida*

José Cid

TEXTO **ANTÓNIO ARAÚJO**

Já era tempo, mais do que tempo, de pararem com essa bambochata do "Elton John português", pois o José Cid tem o seu valor próprio e autónomo, ancorado, ou melhor, estribado num milhar de músicas de antologia que já venderam para cima de três milhões de discos, que lhe renderam mais de 40 Discos de Ouro, Prata ou Bronze, que estiveram nos *tops* de vendas da Suécia, da África do Sul ou da Austrália e que, sobretudo, acima de tudo, ressoam nos corações nostálgicos deste país que é o nosso, seja o das gerações mais antigas, que o aclamaram na sua ascensão fulgurante, seja os dos moços mais novos, que o acompanham no planalto onde hoje se encontra e que agora se reparte entre o circuito da emigração, queimas das fitas, bailaricos de província, festas de empresas e *shows* televisivos de domingo à tarde.

Nada disso deslustra, como é óbvio, o muito talento e a não menor garra deste compositor e intérprete nado à Chamusca, que nos deu cousas sagradas como uma Anita-que-não-era-bonita, uma macaca com cara de sacana (e que comia bananas debaixo da cama), uma cabana de praia num canavial uivante, uma criança de tranças pretas que caçava borboletas e que depois fica muito velhinha ou, enfim, um cigarrito fumado na 42nd Street, debaixo da neve de New York City (e com referência a Sunset Boulevard, que só por acaso fica na Califórnia, a 3396 quilómetros de distância). Depois, como é sabido, o artista fez-se fotografar em pêlo, ou pêlos, armado em macaco, todo gorilão, com um Disco de Ouro a cobrir-lhe as partes (gagas) e desde então, digamos, o bom gosto em Portugal nunca mais foi tema sério.

É bom, é mau, pior que péssimo? É o que temos. Cid faz parte de nós, acompanhamo-lo desde crianças, temos assistido com gosto e fascínio às transformações históricas do seu capachinho, que ao início era negro brilhante, asa de corvo, e hoje está mais acinzentado e grisalho, mercê do avançar das idades, as nossas e a dele ("o cabelo é meu… fui eu que o paguei", disse o bicho ao Unas). Quanto à cena do Elton John, o próprio já teve ocasião de esclarecer que "se o Elton John tivesse nascido na Chamusca, não teria tanto êxito como eu", o que só em parte é verdade, pois o Elton John nasceu num subúrbio de Londres Norte chamado Pinner, o qual, não sendo bem a Chamusca, anda lá muito perto. Questão essa, sim, intrigante – e peço que vejam o vídeo, disponível no canal YouTube – é a de saber se aquele senhor cadavérico que aparece no Festival da Canção de 1968, a entoar uma miséria chamada *Balada para D. Inês*, será mesmo, ou não, o celebrado cançonetista José Cid, pois mais parece um agente funerário ou um mediador de seguros, magro e esquálido, de olhar tristíssimo. Talvez por isso Simone sentiu-se mal a meio da transmissão televisiva do Festival, desmaiou fora de palco, até foi obrigada a receber tratamento médico – e Cid ficou em terceiro, atrás de Carlos Mendes e de Tonicha.

Antes disso, teve ensejo de nascer na Chamusca, como se disse, a 1 de Fevereiro de 1942 (81 anos, portanto), o mesmo dia em que a Marinha dos EUA atacou os japoneses nos célebres Marshall-Gilberts Raids, das ilhas do mesmo nome, que o infame Vidkun Quisling tomou posse como primeiro-ministro da Noruega ou que os nazis mudaram os seus códigos secretos navais do sistema Hydra para o Triton, mais lixado de decifrar, tudo coisas que mostram bem até que ponto o nosso Cid é antigo, quase pré-histórico. O próprio, de resto, não desdenha o epíteto de "dinossauro", que indiscutivelmente o é, e ainda bem.

Hoje, José Albano Cid de Ferreira Tavares poderia ser apenas, e tão-só, o lídimo descendente do 1.º barão do Cruzeiro e do 1.º visconde dos Lagos, pois é filho – o terceiro, único varão – de Francisco Albano Coutinho Ferreira Tavares, lavrador, proprietário e empresário, e de Fernanda Salter Cid Freire Gameiro, doméstica. Nasceu e passou a infância no Ribatejo, onde seu pai tinha uma fábrica de concentrados, ousamos dizer que de tomate. Muitos anos depois, e com ponta de imodéstia, escreveria a cançoneta *Menino Prodígio*, lembrando aos incautos a sua precocidade sonora: seu avô tocava guitarra, acompanhando o mítico Augusto Hilário, e o neto, aos quatro anitos, já se ajeitava ao piano, apesar de jamais ter tido formação musical e de nunca, até hoje, ter sabido ler uma simples pauta. Teve somente meia dúzia de aulas com uma professora particular, isto quando não andava embeiçado pela sua preceptora francesa, mulher lindíssima, Monique Gerard, que arribou à Chamusca, arrasando-a, no ano de 1948.

Com oito primaveritas, foi mandado para o Colégio jesuíta Nun'Álvares, em Santo Tirso, onde passou um frio do caraças e, ainda assim, ganhou premonitórios prémios de canto coral. Depois, aos 12 anos, deu entrada no Colégio Nacional da Anadia, a dois passos de casa, pois os pais haviam-se mudado em 1953 para Mogofores, para a velha quinta da família paterna, onde Cid ainda reside. Durante a adolescência desligou-se da Igreja, mantendo-se até hoje crente num singular transcendente, sob a forma do antigo deus endovélico, ao qual presta culto no Monte da Lua, Sintra, ou em São Salvador do Mundo, São João da Pesqueira (já agora: acredita também na reencarnação das almas e diz que, numa existência anterior, terá sido um pássaro – apostamos em papagaio).

Aos 14 foi estudar para Coimbra, para o antigo Colégio de Camões, onde esteve até completar o liceu. Foi feliz aí, até porque integrou então a sua primeira banda, Os Babies, que tocava *covers* em festas de garagem. Cid, porém, só actuava ao piano, não cantava, já que o vocalista do grupo, Igrejas Bastos, achava que ele tinha voz de menina, o que veio a infirmar-se numa festa no Hotel da Urgeiriça, em que, estando Bastos doente, Cid cantou e encantou a numerosa plateia. Não muito depois, Bastos veio para Lisboa, tomando Cid a liderança daquela que diz ser a primeira banda de *rock* português, cujos trinados importados da América (Bill Haley, Chuck Berry, etc.) nem sempre eram apreciados pelos ouvidos vetustos das elites beirãs, mais habituadas a valsas e a *paso dobles*, como se verificou no primeiro concerto que Os Babies deram na casa de chá do Jardim da Manga, Coimbra. Aos 17 anos compôs a sua primeira música, intitulada *Andorinha*, que nunca chegou a gravar, e ainda bem, pois era abaixo de péssima, e da qual hoje só recorda breves versos, assaz fatídicos: "A andorinha chegou ao pôr-do-sol, mas não trazia saudades de ti…"

A par da música, o desporto: por volta do 7.º ano do liceu entregou-se ao hóquei em patins, praticado no ringue da Curia, e aí conheceu uma futura estrela da bola, António José Conceição Oliveira, "Toni", à época cognominado "a Locomotiva de Mogofores" (confessou Cid que, quando ambos eram miúdos, e à falta de namoradas, faziam sexo com abóboras, coisa telúrica, portanto, mas também bastante porca). Apesar do desporto, a música acabou por triunfar, até porque, como Cid dirá numa das suas canções mais conhecidas, tinha nascido para ela. O pai, porém, queria-o doutor ou engenheiro e, em consonância, matriculou-o em 1960 em Direito, que o pequeno José frequentou durante quatro anos, muito a espaços, tendo feito duas cadeiras ao todo. Em contrapartida, envolveu-se a fundo no Orfeon Académico, ao lado de José Niza, Daniel Proença de Carvalho, Rui Ressurreição e outros. Graças a isso, tocou várias vezes em Salamanca e, numa dessas ocasiões, visitou com os colegas um prostíbulo da cidade, cuja patroa, ao contemplar a chegada dos estudantes de Coimbra, trajados de negro, anunciou às suas meninas: "*Mira, mira, que vienen los curas!*"

O seu coração, contudo, já estava ocupado. Mesmo não correspondido, José Albano Cid nutria à época uma paixão louca por Marilyn Monroe. Apreciava-lhe as formas, sobretudo as do rabo, forrou o seu quarto de estudante de *posters* e fotos dela e, muitos anos depois, compôs *O Andar de Marilyn*, em cujo telediсo Cristina Ferreira encarnou a infausta diva, ainda que a milhas do mito.

Em 1963, José Cid abandonou o Orfeon Académico de Coimbra e, em 31 de Agosto desse ano, casou na Igreja de Santo António, no Estoril, com Emília Infante da Câmara Pedroso, menina de famílias abastadas que, por isso e mais, foi muito aprovada pelos pais do noivo. O casamento, contudo, revelou-se tempestuoso e culminou em traumatizante divórcio, poucos anos depois. Enquanto isso, Cid e Emília foram viver na casa dos pais desta, no Estoril, e ele inscreveu-se no Instituto Nacional de Educação Física (INEF), onde foi um aluno excelente e quase concluiu o curso, além de ter sido campeão universitário de triplo salto e de ténis de mesa.

A música, safada, acabaria por se intrometer de novo no seu caminho: no INEF tocava piano nas aulas de ginástica rítmica e os professores e os colegas gostavam tanto do que ouviam que um deles, João Mounier, disse-lhe que o seu irmão, Michel Silveira (Miguel Artur Silveira), andava à procura de um teclista para a sua banda, o Conjunto Mistério, que actuava para os lados do Estoril. Não sem resistências de alguns membros dos Mistério, Cid passou a integrar o grupo, que em 1967 decide mudar de nome para Quarteto 1111 (o número de telefone da casa de Michel Silveira, para facilitar os contactos das fãs). Na sua formação inicial, o Quarteto 1111 tinha José Cid como teclista e vocalista, Michel Silveira na bateria, António Moniz Pereira como guitarrista e Jorge Moniz Pereira como baixista. É difícil exagerar a sua importância na história da música portuguesa: mesclando *rock* anglo-saxónico, ouvido na rádio Caroline, música tradicional portuguesa e até sonoridades árabes, o Quarteto 1111 deu à luz, em 1967, o seu primeiro EP, *A Lenda d'El-Rei D. Sebastião*, que é "até hoje a música mais premiada de Portugal", afiança o *site* do cantor. Foi também, aliás, a primeira música portuguesa a passar no mítico *Em Órbita*, que Cândido Mota levava aos microfones do Rádio Clube Português. Não muito depois, em 1969, o lado B do EP *Nas Terras do Fim do Mundo* – mais concretamente a música *Bissaide* – fez parte do genérico do mítico Zip-Zip. Triunfos que não salvariam Cid de cumprir o serviço militar em 1968, com dois anos passados no Exército, em Mafra, onde conheceu e privou de perto com Adriano Correia de Oliveira, seu amigo para a vida, e mais outros dois na Força Aérea, no Centro de Formação Militar e Técnica, à Ota. Aí leccionou ginástica e, até 1972, foi oficial miliciano da Força Aérea, mas garante não guardar "terror ou traumas da tropa". Ainda assim, não gostou nada, mesmo nadinha, que Manuel Freire tivesse lembrado o seu passado militar ("um oficial de educação física da Força Aérea") quando, em 2009, a Sociedade

"Cid faz parte de nós, acompanhamo-lo desde crianças, temos assistido com gosto e fascínio às transformações históricas do seu capachinho, que ao início era negro brilhante, asa de corvo, e hoje está mais acinzentado e grisalho, mercê do avançar das idades, as nossas e a dele.

Em 1968 sofreu um aparatoso acidente de viação, após o Volkswagen Carocha em que seguia com quatro amigos ter sido abalroado por outro, guiado por uns americanos bêbados [...]. Em resultado disso, Cid perdeu o olho esquerdo e, salvo raras excepções, até hoje aparece em público sempre de óculos escuros ou fumados.

VÍTOR HIGGS/DN

Portuguesa de Autores lhe atribuiu um prémio de carreira.

Num exercício nem sempre fácil, conseguiu conciliar a música e a tropa: de manhã, dava aulas de ginástica na Ota; às tardes, ensaiava na garagem dos manos Mounier, em Alapraia, São Pedro do Estoril, e aos fins-de-semana actuava onde calhasse com o Quarteto 1111. Em 1973, a convite de um amigo da Chamusca, Carlos Amaral Neto, foi tocar em Angola, na Fazenda Tabi, num dos piores cenários de guerra, mas garante não ter tido medo. Seguindo o exemplo de Zeca e Adriano, impôs só tocar para soldados, recusando-se a entreter os oficiais do quadro.

Entretanto, em 1968 sofreu um aparatoso acidente de viação na Estrada Marginal, frente ao Hotel de Carcavelos, após o Volkswagen Carocha em que seguia com quatro amigos ter sido abalroado por outro, guiado por uns americanos bêbados, que, para cúmulo, ainda se puseram a rir do desastre. Em resultado disso, Cid perdeu o olho esquerdo e, salvo raras excepções, até hoje aparece em público sempre de óculos escuros ou fumados, convertidos em sua imagem de marca.

Nada disso o impediu, felizmente, de prosseguir a sua pujante carreira: em 1970, o Quarteto 1111 lança o seu primeiro álbum, que Cid e António Moniz Pereira quiseram não conceptual, mas biconceptual, seja lá isso o que for. O certo é que, por causa de uma das suas músicas, *Lenda de Nambuangongo*, de pendor anticolonial, esteve proibido de entrar em Angola durante dois anos, e que outras das faixas do disco é, nem mais, nem menos, do que a primeira versão de *Trova do Vento que Passa*, de Adriano Correia de Oliveira. Será já com Tozé Brito (vindo dos portuenses Pop Five Music Incorporated, para onde entraria Miguel Graça Moura) que o grupo actua na histórica edição de 1971 do Festival de Vilar de Mouros, ao qual afluíram mais de 30 mil espectadores, entre os quais *hippies* vindos dos quatro cantos da Europa, naquele que foi considerado o "Woodstock português" e que contou com o próprio do Elton John, que Júlio Isidro foi buscar a Pedras Rubras e levou até ao Minho, numa viagem que classifica de "uma aventura absolutamente extraordinária" (José Cid, em contrapartida, recorda os descarados assédios de Elton a tudo quanto fosse homem ou moço que passasse pelos bastidores: "Estava sempre no engate e nós tínhamos que ter muito cuidado com ele. Era muito atiradiço!"). Talvez inebriado pela atmosfera envolvente, Cid fumou aí uma das suas primeiras ganzas, talvez a primeira, mas não ganhou o hábito, preferindo outro vício, o do açúcar, sendo doido por doces.

Em Novembro de 1971 participou no World Popular Song Festival, de Tóquio (com o tema *Ficou para Tia*), regressando ao Japão no ano seguinte. Entretanto, lançara o seu primeiro álbum a solo, *José Cid*, de Maio de 1971, com canções como *Dom Fulano*, *Lisboa Ano 3000* e *Não Convém*. Data de então a sua colaboração com Natália Correia, ou vice-versa (são dela as letras de *Corpo Abolido* e *História Verdadeira do Natal*, entre outros), que o cantor gosta de recordar, até para chatear aqueles que, à esquerda, criticam algumas das suas posições políticas (fez campanhas do PPD/PSD, da AD, de Cavaco, mas já disse que não recusaria um convite para ir cantar ao Avante!). A esses, aos da "pseudoesquerda festivaleira", faz questão de lembrar que teve muitas músicas censuradas pela ditadura, que era amigo de Adriano e que até compôs uma paródia a Salazar, ainda nos tempos do Estado Novo *(No Tempo em que O Toninho Lanchava com os Amigos na Pastelaria de S. Bento)*. No pós-25 de Abril, como muitos, namoriscou o revolucionário (*Quadras Populares*, por exemplo). E em 1975 largou os Green Windows, que ajudara a fundar em 1972, e abalançou-se a uma carreira a solo, que prosseguiu ao mesmo tempo que, em 1977, fundou o grupo Cid, Scarpa, Carrapa & Nabo, com Guilherme Inês, José Moz Carrapa e Zé Nabo. No ano seguinte lançou o álbum que,

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

muito provavelmente, mais o orgulha, *10.000 Anos depois entre Vénus e Marte,* incursão pelo *rock* progressivo ou, no caso, pelo *rock* espacial, com forte influência dos Moddy Blues e dos Pink Floyd e um enredo de ficção científica em cenário pós-apocalíptico: dez mil anos depois da autodestruição da Humanidade, um homem e uma mulher viajam de regresso à Terra para a repovoar, envolvendo-se com um antigo cantor icónico, um ex-treinador de futebol e meia dúzia de abóboras. O disco, diz-se, tornou-se objecto de culto, pois ele há gente para tudo, e no Japão, parece, chegam a dar fortunas, cinco mil euros ou mais, por um exemplar da peça, que em Portugal, desgraçadamente, vendeu cerca de mil cópias, miséria. Depois ou antes disso, um vendaval de *power ballads,* que, por uma estranha metafísica, ou talvez toque de mágico, se hospedam no ouvido e dele não saem o dia inteiro: *A Rosa Que Te Dei* (escrita para Amália, que esta nunca cantou), *Ontem, Hoje e Amanhã, Vinte Anos, Morrer de Amor por Ti, Na Cabana Junto à Praia* (inspirado no filme *Verão 6",* com Richard Burton), *Verdes Trigais em Flor, Cai Neve em Nova York, Vem Viver a Vida Amor, Minha Música, Um Grande, Grande Amor, Junto à Lareira, A Anita Não É Bonita, Romântico mas não Trôpego* e, claro, *Como o Macaco Gosta de Bananas.* Ou, já agora, *Amar como Jesus Amou,* composta, segundo ele, porque precisava de comprar um carro novo.

Qual Carmelinda Pereira dos Festivais da Canção, José Cid participou, directamente ou por interposta pessoa, e com êxito variável, nas edições de 1968 (com *Balada para Dona Inês,* já citada), de 1974 (com o portentoso *A Rosa Que Te Dei,* e, integrado nos Green Windows, com *No Dia em que o Rei Fez Anos,* outro colosso, e *Imagens),* de 1978 (com quatro temas, nenhum memorável), de 1980 (*Um Grande, Grande Amor,* o do *Aufidézin-goodbye,* sétimo lugar na Haia), de 1981 (*Morrer de Amor por Ti,* vencido pelo *Playback* de Paião), de 1984 (*A Padeirinha de Aljubarrota,* com a Banda Tribo, juntando elementos da sua família), de 1988 (*Cai Neve em Nova York,* na voz do sobrinho José Gonçalo), de 1989 (como convidado, apresentando um *medley* dos seus sucessos), de 1993 (*O Poeta, o Pintor e o Músico,* em dueto com o seu *protégé* Paulo Bragança, andrógino hoje semi-recluso na Irlanda), de 1995 (o étnico *Plural,* cantado por Teresa Brito, irmã de Tozé), de 1996 (*Ganhámos o Céu,* ficando em 4.º), de 1997 (*Canção Urgente,* 6.º lugar), de 1998 (*Se Eu Te Pudesse Abraçar,* 12.º lugar em Birmingham), de 2007 (como produtor de *Na Ilha dos Sonhos,* 7.º lugar), de 2010 (um novo *medley* de baladas famosas) e de 2018 (*O Som da Guitarra É a Alma de Um Povo,* 7.º lugar). Contas feitas, são 16 as vezes que Cid se apresentou ao Festival, com duas idas à Eurovisão, uma em 7.º e outra em 12.º lugar. Palmarés decepcionante e poucochinho, nada elucidativo da eloquência de um artista que, como muitos, quase todos, conheceu altos e baixos, sendo resgatado do deserto em 2004, graças a um anúncio de uma marca de chás gelados em que aparecia dizendo, muito jovem: "Olá, malta! Tudo bem? Tá-se?", o que lhe valeu ser conhecido pelas gerações mais novas, que até aí vilmente o ignoravam, mas que desde então passaram a cultuá-lo como a um velho deus pagão, que indiscutivelmente o é.

Em 2006, duas actuações de casa cheia no renovado Maxime, em Lisboa, marcaram o seu *come back,* prolongado em festas académicas e num grande concerto no Campo Pequeno, 2007, e culminado na recepção do prémio de consagração de carreira pela SPA, em 2009. Nos concertos predominam os êxitos antigos, da época de ouro dos anos 70-80, a prova provada de que o seu mercado é o do revivalismo. E a presença de abundantes tias nas plateias e nos camarotes permite afirmar, sem sombra de dúvida, que, entre outros feitos, José Cid inaugurou em Portugal um género novo, o *kitsch chic* (ou "beto-horrível"), onde até hoje permanece inigualado. A 4 de Fevereiro de 2022, dia do seu 80.º aniversário, foi feito comendador da Ordem do Infante D. Henrique, tributo republicano a um monárquico do coração, mas de feição liberal e, por isso, não adepto dos actuais pretendentes à coroa ou partidário do PPM. Tem por sonho um regime idêntico aos do Norte da Europa, "aquilo que Sá Carneiro não teve coragem de assumir, embora fosse casado com uma sueca". Lamenta o regicídio do "genial" D. Carlos I e as ditaduras de Salazar e Marcello, dizendo que com Sócrates estivemos à beira de as repetir. Considera que "o 25 de Abril é um projecto adiado" e nunca votou em legislativas ou em presidenciais, mas, ao lado do juiz Rui Rangel, apoiou e até compôs o hino do Nós, Cidadãos, partido que teve 0,40% nas legislativas de 2015, 0,24% nas autárquicas de 2017 e uns promissores 1,05% nas europeias de 2019. Nos idos anos 80, por se ter recusado a apoiar a candidatura presidencial de Soares Carneiro, dado o passado deste na guerra de África, escapou por um triz de apanhar o Cessna que, ao princípio da noite de 4 de Dezembro de 1980, vitimou Sá Carneiro *et all.*

José Albano Cid nutria à época uma paixão louca por Marilyn Monroe. Apreciava-lhe as formas, sobretudo as do rabo, forrou o seu quarto de estudante de *posters* e fotos dela e, muitos anos depois, compôs *O Andar de Marilyn,* em cujo teledisco Cristina Ferreira encarnou a infausta diva, ainda que a milhas do mito.

Gostemos ou não, morreremos todos com a certeza de que muitas das suas músicas irão sobreviver-nos, o que para uns será conforto, para outros vil desastre. Em todo o caso, sendo Cid tão grande, tão gigante, tão História de Portugal contemporâneo, não havia necessidade nenhuma, absolutamente nenhuma, de ser também tão truculento, tão cáustico para tanta gente.

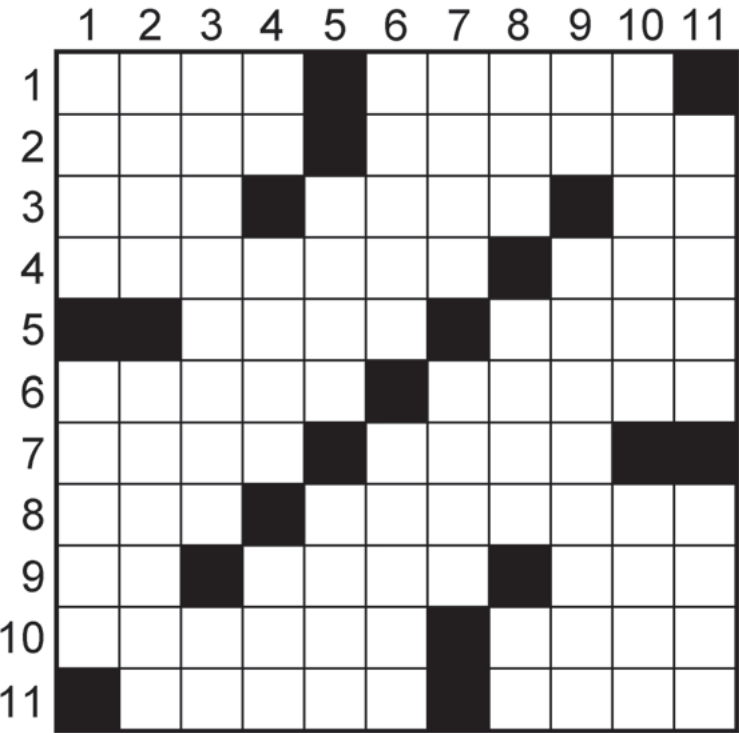
para os lados de Camarate. Segundo ele, foi o seu pai que, a partir dos céus, o aconselhou a não embarcar na avioneta funesta, ainda que ele, muito imodesto, diga que, se acaso tivesse ido, não teria morrido na tragédia, pois nunca se imaginou falecer num desastre aéreo (fica assim por explicar o pânico medonho que tem de voar).

José Cid não está esquecido nem precisa de prova de vida, somos nós que devemos lembrá-lo, agora e sempre, ontem, hoje e amanhã, pois, além de vários prodígios do horripilante (*v.g.,* os coros femininos de *Desencontro* e *Morrer de Amor por Ti,* ou a letra de *Favas com Xóriço*), ele fez de nós o que fomos, e por isso somos, sempre seremos. Gostemos ou não, morreremos todos com a certeza de que muitas das suas músicas irão sobreviver-nos, o que para uns será conforto, para outros vil desastre. Em todo o caso, sendo Cid tão grande, tão gigante, tão História de Portugal contemporâneo, não havia necessidade nenhuma, absolutamente nenhuma, de ser também tão truculento, tão cáustico para tanta gente. Entre as vítimas, Rui Veloso ("se o Rui Veloso é o pai do *rock* português, eu sou a mãe", "tem um ego de merda"), Tony Carreira ("qualquer peidinho que ele dê é logo capa de revista"), Mariza ("não tem criatividade nenhuma"), José Saramago (disse que nunca conseguiu ler um livro do Nobel até ao fim), Marco Paulo ("o Marco Paulo vende em Portugal o sublixo da música mundial", "ele não tem o mínimo conhecimento de música e com certeza vai acabar muito cedo"), Ary dos Santos (que diz ter tido ciúmes da sua relação com Natália Correia), Ivete Sangalo ("Odete sem Galo"), Roberto Carlos ("canto 50 mil vezes mais e melhor do que ele"), Madonna ("não canta nada", "o último álbum da Madonna é um cagalhão"), Miguel Ríos e Johnny Halliday ("ao pé de mim, eles são uma merda"), Julio Iglesias ("canta mal em inglês"), Justin Bieber ("não canta um caraças"), Britney Spears ("outro fiasco"), Michael Jackson ("um imbecil, um complexado, um gajo esquisitíssimo"), Miguel Esteves Cardoso ("eu ainda me escondi com um disco. A ti, se calhar, bastava uma caneta") e até Amália Rodrigues, imagine-se, recentemente farpeada: "Amália nunca foi muito à bola comigo"; "não lidava bem com o êxito dos outros". Numa entrevista ao *Jornal de Leiria,* em 2011, foi ao cúmulo de afirmar que "a única mulher indispensável na minha vida é a mulher a dias."

Quanto à vida pessoal: tem uma única filha, Ana Sofia, da qual esteve afastado entre 1994 e 2005 por causa do seu vício da droga e de burlas feitas para o satisfazer (Ana, que vive hoje em Cascais, é poetisa e faz *reiki* para doentes com cancro terminal) e, dela, um único neto, Francisco. Depois de se divorciar de Emília, a primeira mulher, voltou a casar em 1976, desta feita com Maria Armanda Monteiro Ricardo, já falecida, que o acompanhou, e bem, nos coros dos Green Windows. Separaram-se em 1988. Dois anos depois casou pela terceira vez com a empresária nortenha Ana Maria Tavares, "Nani", da qual se divorciou em 2003, mas reconciliou-se em 2005, para se separar em definitivo em 2007. Em 2013 casou pela quarta e espera-se que última vez com Maria-Gabriela Carrascalão, antiga Miss Timor, bisneta da última rainha do Reino de Venilale e cunhada de José Ramos-Horta, que conhecera em 1983, em Melbourne, e com a qual teve uma história noveleira revelada por Miguel Gonçalves no livro *José Cid. O Lado B de um Provocador,* de 2015: fruto de um relacionamento tórrido, mas efémero, Cid engravidou Gabriela, que teve um bebé rapaz, José Cid Manuel Carrascalão, falecido prematuramente, com poucas horas de vida; na altura, Gabriela tentou contactar o autor de *Uh! Au! Lobo Mau* (1987), ligou para a sua casa em Mogofores, deixou recado, sem sucesso. Anos volvidos, voltaram a encontrar-se, e só então ela pode contar-lhe o sucedido. Casaram então às Caraíbas, em Setembro de 2013, e vivem hoje juntos na Quinta do Cruzeiro, levando uma existência pacata: acordam por volta das 11 da manhã, vão tomar o café no *snack-bar* fronteiro à quinta, dão um passeio a pé com os cães e almoçam num restaurante das redondezas. Depois dormem a sesta, durante uma hora ou duas, a seguir ele vai para o estúdio, compor ou divagar, ela dedica-se à pintura, depois ingerem um jantar ligeiro e passam o serão na cama, a ver filmes até altas horas da madrugada, quiçá com uma lareira por perto, quem sabe se com um canavial ao fundo. Nas provas de hipismo, onde outrora foi campeão, José Cid salta agora na categoria de veteranos. E, de quando em vez, vai à Chamusca matar saudades. Aquelas que um dia teremos dele, e do seu ego desmesurado, cujas patetices patéticas tendemos a perdoar-lhe, pois, ao longo de décadas, deu-nos muito e tanto, tantíssimo, sendo oásis de alegria em nossas vidas cinzentas. Um génio do bom de mau.

** Prova de vida (42) faz parte de uma série de perfis.*

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Escavar. Valor cambial. **2.** Qualquer compartimento. Que numa série de oito ocupa o último lugar. **3.** Borra, sedimento. Acabamento de licença. Seguir até. **4.** Rocio. Galicismo (abreviatura). **5.** Ofício. Entidade fantástica dotada de poder sobrenatural. **6.** Extensa elevação do fundo do mar ou de um rio quase até à superfície. Grande exaltação de ânimo. **7.** Abastado. Grande onda. **8.** Reza. O osso da base do dedo. **9.** Cobalto (símbolo químico). Peixe acantopterígio, de corpo raiado. Que te pertence. **10.** Tem pretensão (figurado). Queixar-se. **11.** Tostar. Pouco frequente.

Verticais:
1. Capital da Noruega. Instrumento com que se abrem buracos circulares. **2.** Tombar. Esbelta. **3.** Palanca. Post-scriptum (abreviatura). **4.** Rádio (símbolo químico). Porção da circunferência. Anotação musical para indicar repetição. **5.** Elevado. Na parte exterior. **6.** Paredão que avança pelo mar dentro, à entrada de um porto, para quebrar o ímpeto das ondas e servir de abrigo aos navios. Tempo. **7.** Número de tentáculos no polvo. Diz. **8.** Sétima letra do alfabeto grego. Orifício do alambique. Presidente da República (abreviatura). **9.** «De» + «a». Segurança. **10.** Atendido. Formar-se geada. **11.** Debruar. Moeda europeia.

SUDOKU

		6			5		9	1
5						3		4
			1	3	2			
	9				4	7		5
				5				
4		2	3				6	
			9	7	3			
3		7						9
6	1		5			4		

SOLUÇÕES

2	3	6	7	4	5	8	9	1
5	7	1	6	8	9	3	2	4
9	8	4	1	3	2	6	5	7
1	9	8	2	6	4	7	3	5
7	6	3	8	5	1	9	4	2
4	5	2	3	9	7	1	6	8
8	4	5	9	7	3	2	1	6
3	2	7	4	1	6	5	8	9
6	1	9	5	2	8	4	7	3

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Ocar. Moeda. 2. Sala. Oitavo. 3. Lia. Alta. Ir. 4. Orvalho. Gal. 5. Arte. Fada. 6. Banco. Furor. 7. Rico. Vaga. 8. Ora. Falange. 9. Co. Boga. Teu. 10. Aspira. Piar. 11. Assar. Raro.
Verticais:
1. Oslo. Broca. 2. Cair. Airosa. 3. Alavanca. PS. 4. Ra. Arco. Bis. 5. Alto. Fora. 6. Molhe. Vagar. 7. Oito. Fala. 8. Eta. Fuga. PR. 9. Da. Garantia. 10. Aviado. Gear. 11. Orlar. Euro.

Carlos Aguirre "*Papadzul* é um exemplo de comida do Iucatão que herdámos dos maias"

SABORES Esteve em Portugal um grupo de *chefs* mexicanos, numa iniciativa apoiada pela embaixada. Depois de um almoço luso-mexicano na Escola Profissional de Hotelaria e Turismo de Lisboa, o DN tentou perceber em conversa com Carlos Aguirre, presidente da Federação Gastronómica do Iucatão, o que torna tão especial a gastronomia iucateca.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA** FOTOS **PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS**

É a herança maia que faz o Iucatão especial na gastronomia mexicana, das mais afamadas do mundo?
Sim. No México temos várias culturas mães e entre elas a que tem mais extensão territorial é a maia. É uma das mais importantes também na América Central. E é uma cultura que tem muitos conhecimentos ancestrais de matemática, astronomia e também um vasto conhecimento da natureza. Dentro desse conhecimento da natureza desenvolveu-se a alimentação muito característica que hoje temos e que se distingue de outras no México.

E se tivéssemos que identificar um prato de origem maia e que continua a ser popular, qual seria?
Papadzul. É uma tortilha de milho com ovo cozido que leva molho de sementes de abóbora, uma comida herdada dos maias. A gastronomia iucateca tem três etapas: a cozinha pré-hispânica, que os maias faziam, a cozinha tradicional, que vem com a colonização europeia, e a cozinha contemporânea, que respeita os cânones das cozinhas maia e tradicional mas integra novas técnicas e ingredientes.

Um dos pratos que confecionaram na Escola Profissional de Hotelaria e Turismo de Lisboa foi o peixe *tikinxic*. Pertence à nova cozinha?
Não, pertence à cozinha tradicional. A nova cozinha é a proposta dos *chefs*, que podem elaborar um prato de *tikinxic*, mas que visualmente não é um prato de *tikinxic*. Pode ser uma esferificação do peixe com um aroma de achiote. E quando integram tudo temos uma cozinha contemporânea, uma evolução. É uma cozinha moderna, mais visual, mas os sabores estão lá.

Equipa de *chefs* mexicanos. Carlos Aguirre é o segundo a contar da esquerda. Também na foto estão Yoselin Rojas, José Luís Alcocer, Sergio Fiscal, Frank Sosa e Carlos Mané.

Explique, por favor, este peixe *tikinxic* feito da forma tradicional?
O peixe *tikinxic* é uma variante da cozinha pibil, que integra o achiote, a semente de achiote, uma especiaria que dá a base para a pasta vermelha que usamos para marinar o peixe, mas que se faz mais tradicionalmente com porco. No final, pode ser feito no forno ou grelhado. Mas o sabor intenso da pasta vermelha no momento da prova é o que permite ter essa explosividade na língua de todos os ingredientes que pertencem ao "recado", que é a pasta.

Então, a forma mais tradicional deste prato é com porco.
Com porco, sim, é uma parte fundamental da cozinha iucateca. Também é importante a laranja-brava, uma combinação entre laranja e limão que é muito ácida e usada para marinar a carne. E depois há os condimentos, mistura de ingredientes que fazem uma pasta a que chamamos "recado". E temos três "recados": o branco, o negro e o vermelho. São pastas que permitem marinar e condimentar a comida.

Além do porco, introduzido no século XVI, qual é a influência maior dos espanhóis na cozinha iucateca?
Canela, anis, pimenta. A maior contribuição da cozinha espanhola para a iucateca são os condimentos, porque, embora seja verdade que não os trouxeram da Europa, trouxeram-nos para a América. A cozinha iucateca passou a ter influência de muitas latitudes. A espanhola é a predominante, mas temos a árabe, a oriental e até a holandesa, com o queijo Edam que se usa na cozinha iucateca.

A cozinha iucateca distingue-se da cozinha do resto do México?
Sim, claro. Temos no país várias cozinhas famosas. Temos a cozinha oaxaquenha e a cozinha iucateca como as duas mais fortes, mais importantes. Mas cada Estado, cada região do nosso país, tem a sua própria cozinha.

Se formos aqui em Lisboa a um restaurante mexicano e pedirmos tacos e nachos, nada é iucateca?
Não. Geralmente, os restaurantes que estão fora do país adaptam-se aos sabores e gostos próprios de cada país. Tropicaliza-se, como se diz. Não provei a cozinha mexicana dos restaurantes portugueses, mas quero imaginar que os nachos ou os tacos que servem aqui são uma variante do que poderia ser a cozinha mexicana, até mesmo chegando à Tex-Mex.

Um restaurante de autêntica cozinha iucateca não será provável encontrar fora do México?
Sei que há um restaurante em Portugal que está a pensar incorporar cozinha mexicana e cozinha especificamente iucateca. É importante ver o que funciona. Por exemplo, um prato de peixe que fizemos aqui, o pão de cação, pode funcionar bem, porque o português está habituado ao sabor desse peixe. Talvez um prato como o *papadzul* também, poderá ser que gostem.

O que se bebe tradicionalmente a acompanhar a comida iucateca?
No México bebe-se cerveja, muita. Aqui devem conhecer a Corona, a marca que mais se exporta. Mas tradicionalmente a comida iucateca consome-se com águas frescas, com água de chaya, por exemplo, que é uma folha silvestre, uma espécie de infusão. Também se consome água de hibiscus e horchata.

Já agora, uma margarita não é típica do Iucatão?
Do Iucatão não, mas do México. A margarita foi criada em Tijuana, tal como os nachos. A salada César, que todos conhecemos, foi feita no México, igualmente em Tijuana.

Então, muitas das coisas que associamos ao México são de Tijuana?
Não todas, mas sim essas que dou como exemplo, na medida em que Tijuana está numa península no Norte e o Iucatão está no outro extremo, no Sul. Então, de uma à outra temos diversas gastronomias. Agora há uma criação do Iucatão muito popular, a *marquesita*, que é como um crepe e tem recheio de queijo. Toda a gente que viaja para o Iucatão, porque aí se criou este doce, faz longas filas para comer uma *marquesita*. É 100% do Iucatão, assim como os bolinhos que comeram aqui de queijo-creme.

GASTRONOMIA O *chef* José Luis Alcocer dá a provar sementes de achiote ao embaixador do México, Bruno Figueroa, e à embaixatriz Veronica González Laporte. Também na foto estão Alexandre Pais, diretor do Museu Nacional do Azulejo, e Pedro Bernardo, diretor da Escola Profissional de Hotelaria e Turismo de Lisboa, que acolheu o almoço de gastronomia iucateca.

Diario de Noticias

OS HEROICOS AVIADORES BRITO PAIS E SARMENTO DE BEIRES chegaram ontem ao Cairo depois de nove horas e quinze minutos de esplendido vôo

UMA GUERRA russo-romena?

A CAMINHO DO TRIUNFO!

Mais 1.300 quilometros vencidos

INAUGUROU-SE ONTEM, EM LISBOA, A EPOCA TAUROMAQUICA

A PRINCESA

O EMPRESTIMO para Moçambique

AGRESSÃO MORTAL

Por esse mundo...

Por bem fazer...

MONUMENTOS NACIONAIS

A AMERICANA

UM GRANDE ACONTECIMENTO

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 21 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

OS HEROICOS AVIADORES BRITO PAIS E SARMENTO DE BEIRES

chegaram ontem ao Cairo depois de nove horas e quinze minutos de esplendido vôo

A CAMINHO DO TRIUNFO!

Mais 1.300 quilometros vencidos

Compete agora á nação inteira contribuir para que os intrepidos aviadores levem a sua gloriosa viagem até ao fim

O mecanico Manuel Antonio Gouveia

Ontem, pela meia noite, foi recebido um radiograma anunciando a chegada do «Patria» ao Cairo.

Quando ele partiu, há 14 dias, de Vila Nova de Milfontes, não houve decerto um unico português que não sonhasse a repetição do triunfo, ainda bem vivo na memoria de todos, alcançado por Gago Coutinho e Sacadura Cabral na gloriosa travessia do Atlantico.

O nosso coração habitua-se á ventura, como se habitua á infelicidade. As nossas almas, alagadas da gloria da viagem Lisboa-Brasil, exigiam, portanto, o afago de gloria de uma nova epopeia. E essa exigencia não podia nem póde deixar de ser satisfeita pelo destino, porque e toda feita da nossa fé nas virtudes nunca desmentidas da raça portuguesa.

Brito Pais e Sarmento de Beires partiram fadados para o triunfo. Ainda é cedo para se dizer que venceram, mas já é tempo de se proclamar que vão a caminho da vitória. A sua jornada até ao Cairo, comparada com os resultados obtidos pelos aviadores ingleses e americanos que andam na volta do mundo, enche de brilho a aviação lusitana. Em menos de metade do tempo voaram mais que todos eles, e com o seu avião intacto, apesar de terem afrontado tremendos vendavais. Os seus nomes já são dois nomes gloriosos. Saudemo-los e confiemos neles!

* * *

O radiograma recebido esta noite na Amadora é redigido nos termos habituais: «Aterragem normal no Cairo, depois de 9 horas e 15 minutos de vôo.»

Esta étape foi, por conseguinte, uma das mais felizes de todo o trajecto até agora feito, pois que estando calculada, segundo o relatorio de Sarmento de Beires em 12 horas de vôo, se fez em menos duas horas e 45 minutos do que o tempo previsto. Frizaremos tambem que foi a mais longa de todas (1.300 quilometros) e a mais arriscada, por decorrer sobre os territorios desertos da Libia e da Cirenaica.

Ao todo, os intrepidos aviadores já cobriram 4.405 quilometros, estando prestes a atingir um terço da distancia Lisboa-Macau, que é de 13.215 quilometros. Quando fizerem o lanço imediato —Cairo-Damasco—que é de 780 quilometros, terão ultrapassado o terço da viagem.

* * *

O país está com os olhos postos na empresa de Brito Pais e Sarmento de Beires. E o país não esquecerá tambem que no Cairo, onde acabam de chegar, eles aguardam dinheiro para prosseguirem a viagem!

Os bravos aviadores do «Patria» partiram, como é do conhecimento de todos, sem ostentações, sem reclamos, sem protecção oficial, sem dinheiro até, porque o pouco que levaram era tirado exclusivamente dos seus recursos pessoais. Eles não quiseram sobrecarregar o Estado, nem ninguem, enquanto não tivessem dado provas— á sua custa.

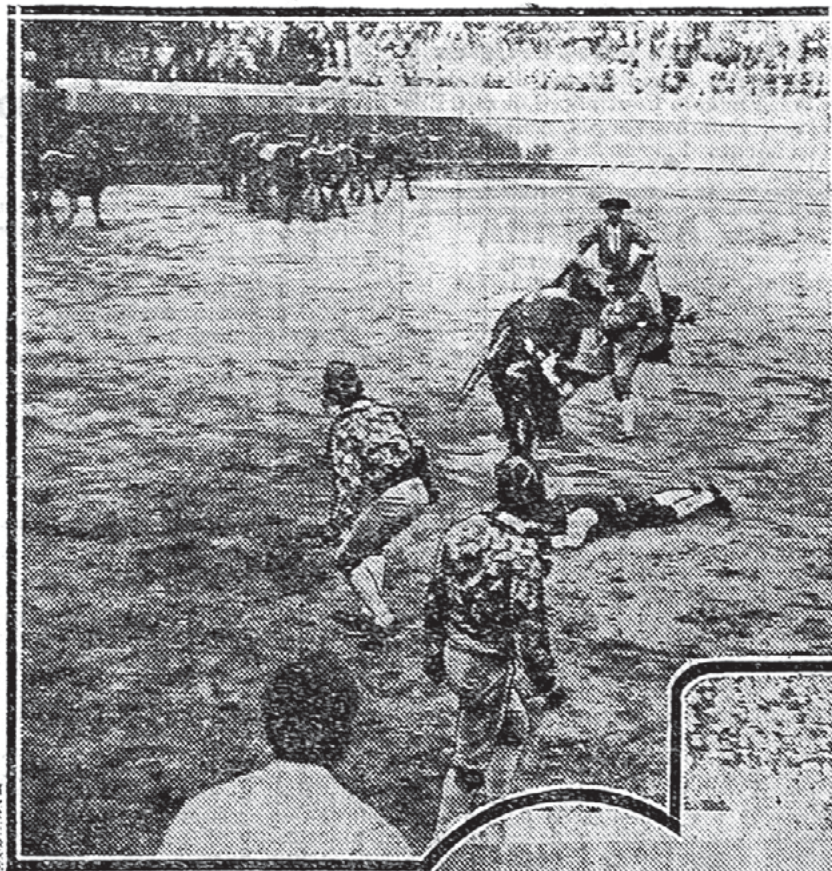
Nós conheciamos bem êsses nobres escrupulos, e entendemos que, até agora, ninguem teria o direito de os desrespeitar.

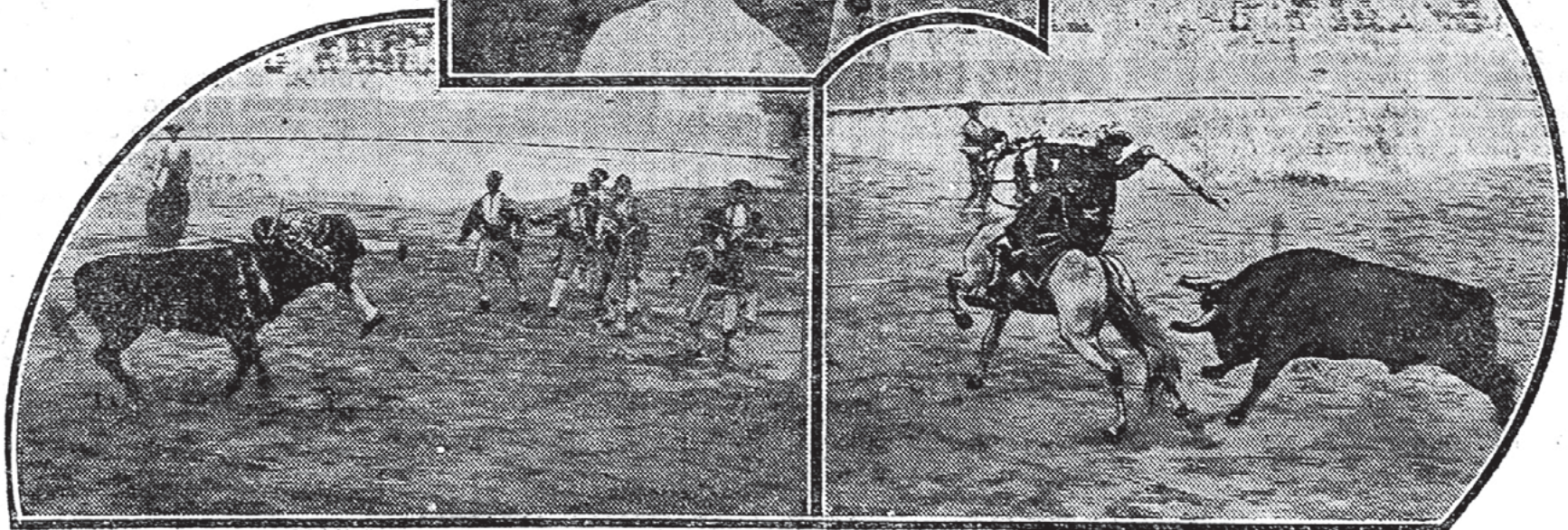
Mas agora que as provas estão dadas; agora que eles proprios reconhecem chegado o momento de reclamar a cooperação estranha, agora, leitores! é do brio de todos os portugueses não os abandonar. E' do brio da nação inteira acudir ao seu apelo, não consentindo que os aviadores, por falta de recursos, fiquem a meio do caminho. Confiamos na nação, como confiamos nos aviadores!

Hoje, ás 9 horas da manhã, levantará vôo do campo da Amadora o «Breguet» n.º 5, tripulado pelos tenentes aviadores srs. Avila e Larcher, a fim de lançar sobre Lisboa manifestos incitando a população a contribuir para as despesas da gloriosa viagem Lisboa-Macau.

INAUGUROU-SE ONTEM, EM LISBOA, A EPOCA TAUROMAQUICA

A PRAÇA DO CAMPO PEQUENO ESTEVE BASTANTE CONCORRIDA

O dia de ontem, de algum sol e ainda poucas moscas, foi bem o dia-tipo que a faina tauromaquica exige. Porque nem houve vento, o que prejudica o trasteio de capotes, nem houve insuportavel calor, o que esbodega função e assistencia. Foi um dia excelente e por isso os touros tiveram gente e entusiasmo. Deram mesmo ocasião a que se sacassem, para «lucir-los», os chapeus de palha. Pode agora, como dizia o Soto-Maior historico, chorar a potes que o chapeu de palha tem a função de acompanhar a Primavera e não será porque chora que ele deixará de a cumprir. As touradas, função essencialmente peninsular, e que o resto do universo não compreende, tem sempre do português agrado certo. Em desporto ha hoje mesmo dois grandes partidos: o do «foot-ball» e o das corridas de touros. Ha quem goste apenas do primeiro, desdenhando o segundo; ha quem estremecidamente queira ao segundo sem poder ver o primeiro. E ha quem a ambos ame com paixão. Os touros são espectaculo de destresa e força, espectaculos ao elogio dos quais a pena de Fialho de Almeida deu todos os recamos do seu estilo e o fogo do seu talento. Como espectaculos plasticos ainda outros se não descobriram. Como escola de sangue-frio

OS TOUROS SAIRAM MANSOS E A LIDE NÃO FOI BRILHANTE

eles sobrelevaram a todas as esgrimas e a todas as emoções. Desde a formação de Portugal que as corridas de touros têm um lugar de eleição no desenvolvimento fisico da raça. E causa pena ver como a esse espectaculo se tem furtado brilho e se tem negado calor. Os jogos de canas cairam em desuso, os exercicios de cavalos tambem se não usam já, de forma que a pouco e pouco o nivel muscular da raça se perderá. E o que se vê em Espanha? Vê-se voltar os olhos para a «faena» conjugada da destreza do cavaleiro em jogo com o touro. Vê-se dar ao espectaculo nacional aparatosas aquiescencias. Porque se não pensa entre nós em ressuscitar as alcansias, os jogos de canas e as mil funções em que os antigos se divertiam? Não seria isso curioso, proveitoso e interessante? Não seria isso fazer com que risonha e alegremente se fizesse uma escola de homens fortes e destros, destemidos e sorridentes? Não seria? Parece-nos e pense nisso quem queira, que nós não lhe negaremos apoio.

Um "coleo" oportuno
Agostinho Coelho, rabejando com valentia, desvia o touro de cima dum campino

A primeira pega
O destemido Matias Leiteiro, «engatado» no segundo touro da corrida

A "nota" casimirista
J. Casimiro apontando galhardamente um «curto» no seu primeiro

57 mil milhões. EUA aprovam pacote de ajuda à Ucrânia

CÂMARA DOS REPRESENTANTES Zelensky agradeceu e disse que o apoio “vai impedir a guerra de se propagar e vai salvar milhares e milhares de vidas”.

A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprovou ontem em Washington o esperado pacote de ajuda à Ucrânia, no valor de 61 mil milhões de dólares (57 mil milhões de euros), para fazer face à invasão russa. Esta assistência militar e económica, que resulta de meses de negociações tensas, acabou por receber apoio das duas bancadas parlamentares e deve agora ser aprovada no Senado, de maioria democrata, onde uma primeira votação poderá ocorrer já na terça-feira.

O pacote de ajuda à Ucrânia é o mais significativo de um conjunto de três leis em votação numa rara sessão ao sábado, que incluiu apoio a Israel e a Taiwan, num volume total de 95 mil milhões de dólares (89 mil milhões de euros).

A Câmara aprovou o projeto de lei do apoio à Ucrânia com 311 votos a favor e 112 contra. Conhecido o resultado, os congressistas festejaram e agitaram bandeiras nacionais ucranianas.

Assim que foi conhecida a decisão, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, agradeceu a ajuda. “A lei de ajuda vital aprovada na Câmara dos Representantes vai impedir a guerra de se propagar, salvará milhares e milhares de vidas e ajudará os nossos dois países a serem mais fortes”, escreveu na rede social X (antigo Twitter), ao mesmo tempo que se mostrou “agradecido” aos parlamentares norte-americanos e em particular ao presidente da Câmara Baixa, o republicano Mike Johnson.

O pacote de ajuda esteve bloqueado durante vários meses devido a um grupo de congressistas republicanos próximos do ex-presidente Donald Trump. “A democracia e a liberdade terão sempre significado global e nunca vão fracassar enquanto a América ajudar a protegê-las”, acrescentou Zelensky, esperando que em breve o pacote de ajuda receba a aprovação do Senado e que siga para a aprovação final do presidente norte-americano, Joe Biden.

Após vários meses de bloqueio, a Câmara dos Representantes americana finalmente adotou o grande plano de ajuda à Ucrânia, mas no campo de batalha esse atraso terá custado a Kiev vários reveses militares contra o Exército russo. Nos últimos meses, tem sofrido intensas campanhas de bombardeamentos das forças de Moscovo contra as suas principais cidades e infraestruturas energéticas, provocando vítimas civis.

Há vários meses que as autoridades de Kiev reclamavam mais armamento e munições para conter os raides aéreos da Rússia e as progressões dos seus militares nas frentes de combate no Leste do país. Principal aliado militar da Ucrânia, os Estados Unidos não adotavam um grande pacote para Kiev há quase um ano e meio.

LUSA

Bernardo coloca City na final da Taça de Inglaterra

Um golo de Bernardo Silva permitiu ontem ao Manchester City garantir lugar final da Taça de Inglaterra – o português marcou o único golo no difícil triunfo por 1-0 sobre o Chelsea, no Estádio de Wembley, Londres. Foi aos 84 minutos que o belga Jérémy Doku desmarcou o compatriota De Bruyne na área, o guarda-redes sérvio Petrovic desviou o remate com o pé e a bola sobrou para Bernardo Silva, que não perdoou. Este golo surge dias depois de o internacional português ter desperdiçado um dos penáltis contra o Real Madrid que custou a eliminação do City.

GLYN KIRK / AFP

BREVES

Incêndio em Queluz leva nove pessoas ao hospital

Um incêndio num edifício em Queluz, concelho de Sintra, obrigou ontem nove pessoas a serem assistidas no hospital, entre as quais um bombeiro, adiantou à Lusa a Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC). Segundo fonte do Comando Sub-Regional da Grande Lisboa, o alerta foi dado às 13h12 para um incêndio que deflagrou num edifício de seis andares em Monte Abraão, tendo sido mobilizados um total de 12 veículos e 29 operacionais para o local. “As operações de combate e busca estão concluídas. Foram assistidos os residentes do edifício e transportadas nove pessoas para o hospital, entre elas um bombeiro”, referiu a mesma fonte, explicitando que se tratava sobretudo de situações ligadas à inalação de fumo, embora uma pessoa seja considerada ferido grave. As vítimas que necessitaram de assistência hospitalar foram distribuídas pelos Hospitais Fernando Fonseca (Amadora-Sintra), São Francisco Xavier e Santa Maria.

Federação dos Médicos aponta quatro prioridades

A presidente da Federação Nacional dos Médicos (FNAM) identificou ontem os salários, as 35 horas semanais, a integração dos médicos internos na carreira e as progressões como prioridades para o encontro da próxima sexta-feira com o governo. Em declarações à Lusa após a reunião do Conselho Nacional da FNAM, em Coimbra, Joana Bordalo e Sá salientou que o grande interesse do sindicato passa por “ter mais médicos no Serviço Nacional de Saúde” (SNS) e assegurou que estiveram a “rever as propostas” discutidas nas negociações com o anterior Executivo do PS, lamentando que este não tenha sido “capaz de as incorporar e chegar a um acordo razoável”. “A proposta que adequámos ao momento atual foi a de renegociação da carreira médica e da tabela salarial. A questão da valorização das grelhas salariais, no sentido de repormos o poder de compra, é algo pelo qual vamos continuar a batalhar”, disse. Joana Bordalo e Sá exigiu também a reposição das 35 horas semanais para os médicos e defendeu uma maior progressão na carreira profissional, “seja nos concursos – e que possam ser rápidos e implementados –, assim como na progressão por escalões”. Por último, elencou a questão dos médicos internos como outra das prioridades.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56612
5 605290 023026